REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

O Combate Naval de 16 de Abril

REFLEXÕES E DOCUMENTOS

PELO CAPITÃO-TENENTE

J. A. Santos Porto

CAPITAL FEDERAL

IMPRENSA DA CASA DA MOEDA

1895

O « VINTE E QUATRO DE MAIO » NO DIQUE

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

O Combate Naval de 16 de Abril

REFLEXÕES E DOCUMENTOS

PELO CAPITÃO-TENENTE

J. A. Santos Porto

CAPITAL FEDERAL

IMPRENSA DA CASA DA MOEDA

1895

DO MESMO AUTOR

Reorganisação Naval. 1894.
Vencimentos de mar e terra. 1895.

Aos que tomaram parte no memoravel combate de 16 de abril, travado entre a esquadra republicana e o ex-encouraçado *Aquidaban*, offereço este pequeno trabalho como justa homenagem ás suas dedicações intemeratas.

Unidos pelo mesmo sentimento, pelo mesmo ardor republicano, os factores da decisiva victoria cumpriram naturalmente o seu dever.

Os resentimentos infelizmente não permittem a todos ver claro no momento historico que atravessamos. D'ahi o appellarem a miudo para o futuro, ao que correspondemos reunindo neste folheto os dados e apreciações com que elle ha de discernir e lavrar a sua sentença, que não será, esperamos, uma condemnação para nós.

Ainda estão bem vivos os transes dolorosos porque passamos, ainda sangram as feridas que nos ficaram, mas isto não nos impede de buscarmos reconstruir a nossa existencia, concentrando as nossas energias na propagação dos principios verdadeiros de modo a fazermos alguma cousa de duravel.

O combate de 16 de abril, digam o que disserem, dá alevantada ideia da organisação patriotica de nossa raça.

132

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

O Combate Naval de 16 de Abril

REFLEXÕES E DOCUMENTOS

PELO CAPITÃO-TENENTE

J. A. Santos Porto

CAPITAL FEDERAL

IMPRENSA DA CASA DA MOEDA

1895

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

O Combate Naval de 16 de Abril

REFLEXÕES E DOCUMENTOS

PELO CAPITÃO-TENENTE

J. A. Santos Porto

CAPITAL FEDERAL

IMPRENSA DA CASA DA MOEDA

1895

DO MESMO AUTOR

Reorganisação Naval. 1894.
Vencimentos de mar e terra. 1895.

Aos que tomaram parte no memoravel combate de 16 de abril, travado entre a esquadra republicana e o ex-encouraçado *Aquidaban*, offereço este pequeno trabalho como justa homenagem ás suas dedicações intemeratas.

Unidos pelo mesmo sentimento, pelo mesmo ardor republicano, os factores da decisiva victoria cumpriram naturalmente o seu dever.

Os resentimentos infelizmente não permittem a todos ver claro no momento historico que atravessamos. D'ahi o appellarem a miudo para o futuro, ao que correspondemos reunindo neste folheto os dados e apreciações com que elle ha de discernir e lavrar a sua sentença, que não será, esperamos, uma condemnação para nós.

Ainda estão bem vivos os transes dolorosos porque passamos, ainda sangram as feridas que nos ficaram, mas isto não nos impede de buscarmos reconstruir a nossa existencia, concentrando as nossas energias na propagação dos principios verdadeiros de modo a fazermos alguma cousa de duravel.

O combate de 16 de abril, digam o que disserem, dá alevantada ideia da organisação patriotica de nossa raça.

Foi incruento, dizem, como se houvesse merito em morrer.

Nos antigos combates singulares, de espada em punho, a coragem se manifestava principalmente ao embate das armas, ao approximar dos inimigos.

Ao fumegar dos canhões e da metralha, ouvindo as fanfarras enthusiastas e vendo os chefes a mostrarem o caminho da victoria, a massa de soldados e marujos se pricipitava dominada, impulsionada para a lucta.

Hoje nos navios modernos está tudo completamente transformado. Os que se batem poucas vezes soffrem o ascendente admiravel do conjuncto.

O official no tubo lança-torpedos e que talvez decida da victoria aguarda muitas vezes n'uma anciedade indescriptivel e em um compartimento fechado o desenlace da contenda.

Os machinistas reduzidos as suas machinas passam o tempo recebendo as ordens do commando sem adevinhar-lhes o alcance. O proprio commandante do navio em sua torre de combate, tem sob as mãos o leme, as machinas, a artilheria e os torpedos, mas tudo dependente do fio facilmente cortado pela bala.

Qual não será a sua dolorosa anciedade, a angustia do seu coração quando a machina se não mover como deseja, a artilheria emmudecer, ou o navio não governar ?

E no entanto a lucta segue sempre accesa, a lucta da coragem reflectida, da calma e do saber.

É preciso por ventura morrer para se mostrar que se não fraqueou no transe doloroso, quando se tem a comprehensão exacta de que indo a pique o navio, os que se acham nos compartimentos fechados morrem sem o derradeiro alento, o ultimo consolo de olhar o céo, muitas vezes o céo da patria estremecida ?

Não. Não é preciso morrer para que se affirme a energia dos combatentes na lucta.

sublimado; mas é tambem digno de admiração o movimento reflectido que manda romper com irmãos, amigos, sacrificando a tranquillidade futura em nome da honra e do dever.

Para as naturezas que se pretendam superiores, para os espiritos que se julguem fortes me parece que é mais sublime a conducta serena do individuo que cahe justiçado, mas abraçado aos ideiaes que defendeu, do que a conducta dos que no auge da peleja, o olhar em fogo, a natureza incendida, procuram a morte, ou a victoria para as armas de seu paiz.

Esta fala mais ao coração e ao sentimento. Aquella fala mais ao espirito e a razão.

Se é digna de respeito e acatamento a energia dos que desafiaram serenos os gritos de agitadores incoherentes, dos que guardaram o seu posto, que era então um posto de sacrificios, preferindo-o ás promessas fallazes de liberdades patrias, porque este açodamento em regatear justiça aos que cumpriram o seu dever, dedicando-se ao lado do poder constituido á garantia da integridade e da ordem?

Não fossem os resentimentos, não fossem as illusões tão facilmente acariciadas e tão prematuramente perdidas que os nossos adversarios seriam menos apressados em julgarem com tanta facilidade os officiaes da Armada que tiveram a energia bastante para se não deixarem levar pelo espirito de classe, pelas capciosas promessas, pelas lisongeiras intrigas e ficaram no seu posto obedecendo as ordens do governo constituido a que haviam jurado tacitamente defender.

Se o fizeram, como hade reconhecer a historia mais tarde com dedicação extremada, se nunca se preoccuparam do futuro

E quem souber que a irreflexão do commandante bastará para a perda do navio e consequente sacrificio do pessoal que o guarnece, jámais pensará que o combate de 16 de abril desmereceu porque o sangue de amigos e adversarios não perturbou a doce serenidade das aguas brazileiras.

Por nossa parte nunca puzemos em duvida a energia dos que defenderam o ex-*Aquidaban*, preferindo mesmo a morte a fuga ignominiosa pelo facto de ter sido o combate incruento para elles como o fôra para nós.

Militar, não sou suspeito admirando mais a coragem civica do que a coragem guerreira, a coragem resultante de uma convicção inabalavel adquirida no fundo do gabinete do paisano, na barraca do general, na camara do commandante do navio, do que a outra, admiravel tambem, que faz no fragor das luctas e das batalhas tudo esquecer pela concentração de todas as energias sobre o pedaço ròto da bandeira.

É por certo digno da epopeia o heroismo que nos combates reflecte a virilidade da nação, enovelando n'uma atmosphera de fogo e fumo os que luctam *à outrance* pela honra de suas patrias, pela victoria dos ideiaes que defendem.

Mas é tambem admiravel o proceder dos que, calmamente rompem com os preconceitos, e arcam serenos com a grita tresloucada dos desorientados e perdidos no *mare magnum* das infelicidades da Patria.

A coragem civica e a coragem guerreira não são manifestações que se repillam, são sentimentos que se completam...

É digno de admiração o movimento de enthusiasmo, que atira o individuo sobre adversarios que lhe são superiores fazendo-o pagar com a propria vida o tresloucamen to

que muitas vezes se lhes afligurou incerto e tenebroso foi porque a paz, a ordem, a integridade, em summa, a Republica perigaram e quando a Republica periga é preferivel morrer com ella a vel a estraçalhada pela turba inconsciente destruindo os mais sublimes ideiaes.

Capital Federal, 1 de agosto de 1895 (7º da Republica).

J. A. Santos Porto
Capitão-Tenente.

O
Combate Naval de 16 de Abril

REFLEXÕES E DOCUMENTOS

Reflexões sobre o combate e seus effeitos[1]

Animado pelo benevolo acolhimento dispensado aos artigos que escrevi sobre a «reorganisação naval», tomo a liberdade de enunciar a impressão que me causou o effeito do torpêdo sobre o *Vinte e quatro de Maio* e um esbocêto de estudo que lhe diz respeito.

Relevem-me os meus distinctos camaradas, expender-me em assumpto tão momentoso e susceptivel das mais variadas e complexas considerações.

Conhecedor do quanto reluctam para dar publicidade as reflexões que de continuo os assaltam, julgar-me-hei farta-

1. Este trabalhozinho tentei publical-o por duas vezes, uma em julho e outra em outubro mas por circumstancias especiaes foi adiado.

Reproduzo-o agora em sua integra para que se veja que ainda sob o calor da refrega nunca nos deixamos guiar senão por sentimentos confessaveis.

mente recompensado se estas ligeiras e despretenciosas notas os attrahirem a estudos mais desenvolvidos e melhor orientados.

É bom não esquecer que o combate naval de Anhatomirim e as suas consequencias constituem grande ensinamento não só para nós como para todos os européos, officiaes de marinha ou engenheiros navaes e mais que era nosso o couraçado rebelde e que nossos eram os officiaes, que entraram em acção e que a nós da Marinha Brazileira assiste o dever de noticiar ao mundo inteiro, que de nós espera, o combate e seus resultados.

Convem frisar que é pelo estudo e pelo conhecimento das difficuldades que as guerras se tornam cada vez mais raras e por isto penso que estudar orientadamente o facto do ex-*Aquidaban* é um serviço que bem podem prestar muitos dos nossos officiaes.

—※—

Sente-se ao contemplar o rombo no costado do *Vinte e quatro de Maio* um movimento de enthusiasmo por que os grandes couraçados que representam a força das opulentas nações parecem ceder o terreno a torpedeira, a arma naturalmente do fraco pelo seu preço relativamente insignificante.

É um resultado assombroso e digno de ser espalhado pelo mundo inteiro por meio de photographias e estudos ou pelo menos informações que levem aos européos a convicção de que emquanto na Europa o equilibrio só se mantem pondo-se diariamente na balança mais couraças d'um lado ou mais torpêdos do outro, nós nos batemos na America quando ha necessidade de fazel-o.

O *Blanco Encalada* tendo ido immediatamente a pique não permittio o estudo das avarias causadas e por isto o caso do *Vinte e quatro de Maio* completamente novo offerece vasto

campo as mais bellas meditações. Que surjam em proveito geral são os meus fervorosos desejos.

—:c—

Na parte submersa da prôa a BB do forte encouraçado, chocada pelo torpedo, vê-se, n'uma extensão de $7^m \times 3$, uma abertura de perimetro irregular e atravez se alcança no outro lado um rombo approximadamente igual.

A quilha a meio da abertura soffreu uma deformação apreciavel á distancia.

O ariete ligado a estructura do navio pela róda de prôa ficou privado do seu apoio natural : as obras vivas d'um e do outro lado.

A antepara do compartimento estanque immediato aos que foram destroçados soffreu uma depressão de forma concava, que não se fez sentir na que immediatamente se lhe seguia para ré.

Os pés de carneiro de um decimetro de diametro que aguentavam a coberta superior foram deslocados d'um modo original.

Nas proximidades abriram-se costuras e saltaram arrebites.

O plano inclinado não obstante a sua espessura foi completamente destroçado.

A ré nada se nota quer interna, quer externamente que indique o violento choque produzido ao longo do costado.

Eis em rapidos traços o que se nota de relance no couraçado *Vinte e quatro de Maio*.

Sem grande esforço podemos concluir :

1º O effeito d'um torpedo sobre um navio é tão consideravel que incontestavelmente vale arriscar o pessoal de 3 a 4 torpedeiras, porque alcançado, mesmo que não submerja-se, fica impossibilitado de combater.

A proposito : o ex-*Aquidaban* poderia ter continuado o combate? Quasi que se o póde affirmar porém em restrictas condicções e aguardando os successivos ataques que naturalmente renovaria a divisão de torpedeiras.

E a prova d'isto é que, já ferido, na occasião do combate elle jogou com a sua artilheria grossa alvejando por meio do holophote.

Comprehende-se, porém, que attingido d'uma maneira violenta, tendo mesmo se erguido talvez d'um metro sob a influencia da deflagração, sem possibilidade de ser remediado nem prompta nem demoradamente, com o desanimo no espirito dos tripolantes que não comprehendiam como não se desconjunctasse após tão violento choque, e vendo a agua entrar a jorros, o abandono do navio foi uma cousa inevitavel e sel-o-ha sempre.

2° Conforme a parte alcançada poderá ser mais ou menos fatal.

Se o torpedo tivesse chocado a meio do couraçado rebelde, estaria este irremediavelmente perdido.

Na parte de vante dos navios, principalmente os de ariete, os compartimentos são menores e mais reforçados e dá-se justamente o contrario nos das machinas e caldeiras, collocadas em geral a meia distancia.

Ha mais a considerar o seguinte. Na prôa a inclinação do costado é proximamente perpendicular a trajectoria do torpedo de modo que a grande massa de gazes produzida pela deflagração da carga encontra resistencia na frente e resvala para cima, ao passo que a meio ou na pôpa attendendo as linhas geraes das construcções communs, o bojo do navio não permitte resvalar facilmente o que occasionará um esforço mais violento e capaz de despedaçar o flanco inteiro, como acredito teria acontecido ao *Vinte e quatro de Maio*.

3° A carga de 55 kilogrammas de algodão polvora comprimido é sufficiente para inutilisar um encouraçado.

4° A antepara do compartimento estanque immediato aos destroçados pela explosão apresentou uma concavidade e deixou passar agua bastante por costuras abertas, arrebites saltados e pelos intersticios da porta provavelmente deslocada.

5° Deve-se attribuir esta deformação da antepara ao choque directo e não a modificação na estructura que nada soffreu porquanto as anteparas seguintes não apresentam deformações mesmo em escala decrescente.

6° Póde-se confiar nos compartimentos estanques dentro dos limites naturaes porque elles resistem quando não chocados directamente e permittem que o navio fluctue.

Para continuar a combater ou viajar em falta de tempo e logar para reparos mais largos o escoramento e reforço faz-se necessario como se praticou no *Vinte e quatro de Maio* para que elle effectuasse a travessia [1].

1. Me é summamente agradavel declarar que todo o trabalho de escoramento e reforço foi feito por pessoal brazileiro e do Arsenal de Marinha sob a direcção do Sr. capitão de fragata eng. naval Antonio Luiz Bastos dos Reis, vindo todos a bordo do mesmo couraçado até o Rio.

«Correspondendo ao pedido que lhe fiz, o meu amigo capitão-tenente Americano Freire escreveu-me uma longa e judiciosa carta da qual, com a sua permissão, transcrevo os seguintes trechos, que mais directamente se prendem ao assumpto de que tratamos. Ninguem por certo é mais autorisado do que o official que o foi commandar em seguida ao seu abandono pelos revoltosos, nem mais nos casos de restabelecer a verdade, tão seriamente deturpada com a aggravante de sel-o em prejuizo do amor proprio nacional :

«Vou como pediste-me contar-te o papel de M. Buette a bordo do *Aquidaban*.

Veio aquelle cidadão francez para bordo do meu navio por ter sido inculcado ao Sr. Almirante Gonçalves como habil constructor naval e prometter pôr a flote o navio sem perda de tempo.

Não sómente nada entendia de construcção naval, como não cumprio o promettido conseguintemente.

Depois de haver durante alguns dias pensado sobre o caso e rabiscado bastante papel apresentou-me um projecto, que consistia em tapar exteriormente o rombo por meio d'uma verdadeira tampa, que presa a extremidade d'uma alavanca, segura por uma articulação a borda do navio, se applicaria

Permitta-me a proposito o meu distincto amigo 1° tenente George Americano Freire commandante do *Vinte e quatro de Maio*, que preste justa referencia ao atrevimento que revelou conduzindo o navio nas circumstancias em que foi realizada a travessia.

—⁂—

O facto constante de partes officiaes resume-se no seguinte :

Na madrugada de 16 de abril atacando o ex-*Aquidaban* a divisão de torpedeiras, poude a *Gustavo Sampaio*, que nave-

automaticamente ao rombo sendo ahi fortemente apoiada por parafusos (verrins) que agiriam sobre a outra extremidade da alavanca.

Immediatamente vi a impraticabilidade de semelhante ideia.

Dado o caso de se poder fazer o tal apparelho quando não existia a bordo os planos das linhas do navio, que permitissem construir a tal tampa, com a forma necessaria para bem adaptar-se-a, ignorando-se mais a forma e a extensão do rombo é claro que tal trambolho seria desfeito ao embate da menor vaga quando sahissemos para o mar.

Convencido da inutilidade de M. Buette para tal trabalho, não estando mais em Santa Catharina o Sr. Almirante Gonçalves pedi reiteradamente um engenheiro de construcção naval, e operarios do nosso arsenal.

Chegado o engenheiro Bastos commigo reconheceu a puerilidade do projecto e ficou resolvido que não se cuidasse de concertar os estragos feitos pelo torpêdo, cousa impossivel sem meter o navio n'um dique.

Entregue a direcção dos trabalhos ao nosso compatriota cuidou elle sómente de reforçar os compartimentos estanques que tinham sido abalados pelo choque, e que deixavam passar agua, apezar d'um muro de argamassa que desde logo eu lhe fizera applicar.

Para isto collocou-se taboas apoiadas por traves esbirradas no convez em toda a extensão dos diversos compartimentos e depois de calafetados os insterticios conseguimos vedar a passagem da agua.

A remoção das amarras e projetis para ré, bem como o embarque de algumas toneladas de areia em saccos, restituiram ao navio as suas linhas e ficamos promptos para a travessia, embora só tivessemos uma machina funccionando bem, e estivessem o condensador e as caldeiras em lastimavel estado.

Ao digno e operoso engenheiro brazileiro e só a elle devemos pois a salvação do *Aquidaban*. Modesto como é aquelle nosso camarada, que tantos serviços tem prestado ao Brazil, já nos arsenaes que montamos no Paraguay e Corrientes por occasião da guerra, já nos arsenaes do nosso paiz

ESCALA DE $\frac{1}{16}$ = 1 PÉ INGLEZ
L. q.do mergulhado
L. de fluctuação
1.º
2.º
3.º
4.º
5.º
6.º

gava na testa da columna, lançar dois torpedos cuja explosão do segundo fizera levantar a prôa do navio, conforme declaração verbal e immediata do seu digno commandante.

A *Pedro Affonso* atirou dous torpedos sem conseguir o alvo, apezar da confiança em que eram tidos.

A *Silvado* não poude utilisar dos seus torpedos pelas razões que se dirá, e á *Pedro Ivo* faltou pressão para effectuar o ataque. Depois de ferido pelo torpedo, utilisando-se do holophote perseguiu a *Silvado* que foi a ultima a retirar-se, atirando então com a grossa artilheria sobre os navios da

cumprindo galharda e brilhantemente a commissão recolheu-se ao silencio, como vemos, e nem siquer protesta quando lhe querem roubar os merecidos applausos pela sua proficiencia ,e admiravel tenacidade.»

«Graças ao Sr. engenheiro naval capitão de fragata Bastos dos Reis, podemos illustrar este pequeno trabalho com a gravura e as notas seguintes que gentilmente nos offereceu :

1° A *linha quando mergulhada* foi a mais alta em que esteve o navio quando invadido pela agua em seus compartimentos estanques.

2° A *linha de fluctuação* foi a linha com que o mesmo couraçado realizou a travessia e a qual é inferior á linha d'agua quando prompto o navio e completamente municiado.

3° Os compartimentos de 1 a 6 ficaram completamente cheios pela agua entrada pelo rombo e pelos intersticios das anteparas, que foram deslocadas ou aluidas pelo choque.

4° Os de ns. 1, 2 e 4 assim foram conservados por ser impossivel, com os elementos ao seu alcance, concertal-os e julgar que não impediam a sua navegabilidade.

5° Os de ns. 3, 5 e 6, foram esgotados depois de terem sido feitas anteparas de madeira, duplas, reforçadas e escoradas com toda a confiança, collocadas a ré das existentes.

6° Além destas anteparas foram reforçadas as cobertas superiores para garantir a fluctuabilidade do navio, contra os embates do mar nas caturradellas do navio.

7° Dos compartimentos 3, 5 e 6 quando completamente vedados foram extrahidas 143 toneladas d'agua.

8° Os compartimentos que ficaram cheios e em abandono por ser impossivel reparal-os pela restricção de recursos, comportavam um volume d'agua de 1?7 toneladas.

Attendendo a que os compartimentos proximos a quilha são mais esguios que os outros que lhe são superiores não surprehenderá que os

gava na testa da columna, lançar dois torpedos cuja explosão do segundo fizera levantar a prôa do navio, conforme declaração verbal e immediata do seu digno commandante.

A *Pedro Affonso* atirou dous torpedos sem conseguir o alvo, apezar da confiança em que eram tidos.

A *Silvado* não poude utilisar dos seus torpedos pelas razões que se dirá, e á *Pedro Ivo* faltou pressão para effectuar o ataque. Depois de ferido pelo torpedo, utilisando-se do holophote perseguiu a *Silvado* que foi a ultima a retirar-se, atirando então com a grossa artilheria sobre os navios da

cumprindo galharda e brilhantemente a commissão recolheu-se ao silencio, como vemos, e nem siquer protesta quando lhe querem roubar os merecidos applausos pela sua proficiencia ,e admiravel tenacidade.»

«Graças ao Sr. engenheiro naval capitão de fragata Bastos dos Reis, podemos illustrar este pequeno trabalho com a gravura e as notas seguintes que gentilmente nos offereceu :

1° A *linha quando mergulhada* foi a mais alta em que esteve o navio quando invadido pela agua em seus compartimentos estanques.

2° *A linha de fluctuação* foi a linha com que o mesmo couraçado realizou a travessia e a qual é inferior á linha d'agua quando prompto o navio e completamente municiado.

3° Os compartimentos de 1 a 6 ficaram completamente cheios pela agua entrada pelo rombo e pelos intersticios das anteparas, que foram deslocadas ou aluidas pelo choque.

4° Os de ns. 1, 2 e 4 assim foram conservados por ser impossivel, com os elementos ao seu alcance, concertal-os e julgar que não impediam a sua navegabilidade.

5° Os de ns. 3, 5 e 6, foram esgotados depois de terem sido feitas anteparas de madeira, duplas, reforçadas e escoradas com toda a confiança, collocadas a ré das existentes.

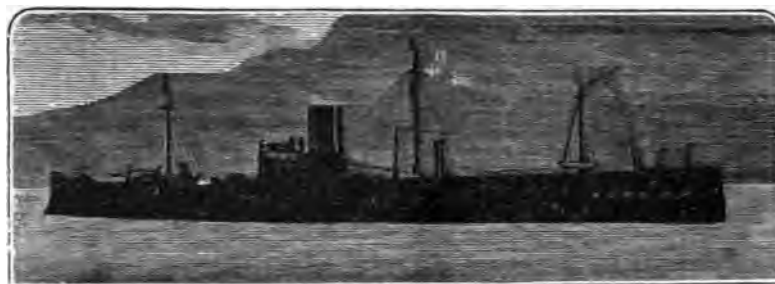
6° Além destas anteparas foram reforçadas as cobertas superiores para garantir a fluctuabilidade do navio, contra os embates do mar nas caturradellas do navio.

7° Dos compartimentos 3, 5 e 6 quando completamente vedados foram extrahidas 143 toneladas d'agua.

8° Os compartimentos que ficaram cheios e em abandono por ser impossivel reparal-os pela restricção de recursos, comportavam um volume d'agua de 1?7 toneladas.

Attendendo a que os compartimentos proximos a quilha são mais [illegible] que os [illegible] que lhe são superiores não surprehenderá que os

esquadra, o que fez suppor não haver sido alcançado ou que a avaria fôra insignificante.

O couraçado ferido de morte em seu flanco continuou a fluctuar embora com ligeira inclinação para vante, suspenso pelos compartimentos estanques que o choque violento não conseguira inutilisar como se verificou no dia seguinte [1].

Resolvida a sua vinda para este porto só no dique se poude verificar a extensão e o perimetro do rombo do costado.

Com quatro compartimentos estanques destroçados fez a viagem carregando um volume d'agua superior a 200 toneladas.

de ns. 1, 2 e 4 comportem somente pouco mais agua que os de ns. 3, 5 e 6.

9ª Encetou o seu trabalho fazendo sobre a antepara de ré do compartimento n. 4, uma outra antepara de madeira dupla, calafetada, e perfeitamente estanque escorando-a para ré com traves esbirradas.

Em seguida passou a esgotar o compartimento n. 6, que é um paiol.— Conseguiu que ficasse estanque, e passou ao n. 5, que tambem foi esgotado, fazendo por ante a ré da antepara deste, uma outra antepara tambem de madeira, dupla, calafetada e completamente estanque.

Em seguida no compartimento n. 3 realizou o mesmo processo, que em summa consistiu em reforçar successivamente as anteparas existentes com outras de madeira, duplas, e estanques e reforçal-as bem como todas as cobertas correspondentes com o escoramento desde a primeira até a ultima debaixo para cima.»

1. Graças a feliz previdencia do meu amigo 1º tenente Carlos Agostinho de Castro, official do cruzador *Tiradentes* podemos juntar hoje a photographia do *Vinte e quatro de Maio* posteriormente ao combate.

Para pôr o navio em sua linha natural teve o seu digno commandante que remover quasi todas as amarras para a pôpa onde collocou mais duzentas toneladas de areia.

Navegou satisfactoriamente embora as consideraveis avarias e algum mar que encontrou de prôa na atteragem da Ilha Grande.

Conseguio uma velocidade de 4 á 5 milhas com mar chão passando a andar uma só quando teve mar ponteiro.

Quinava consideravelmente o que tornou-o durante a travessia uma ameaça para os navios que navegavam proximos.

Teve a machina de BE, lado opposto ao que recebeu o choque, desnivelada, e a de BB perfeitamente bôa.

Os mais detalhes irão apparecendo a proporção que forem necessarios e constam de informações fidedignas de companheiros da esquadra e tambem das partes officiaes.

Surge-nos desde já a seguinte consideração : Qual a ordem para levar a effeito um ataque de torpedeiras? Parece a primeira vista que a ordem de fila é naturalmente a preferivel, porquanto salvo accidente ou defesa por protectores as torpedeiras ao passarem pelos navios poderão atirar o seu torpêdo deixando a que se lhes seguir o caminho franco para que possa fazer o mesmo.

Além disto a torpedeira tendo lançado o torpêdo d'um lado precisa collocar novo no tubo ou effectuar uma contramarcha o que sempre toma muito tempo.

As torpedeiras mesmo as que têm tubos atirando indistinctamente, que é o geral, precisam affastar-se afim de tentar nova supresa.

Entretanto se no combate do *Blanco Encalada* os atacantes conhecedores da posição exacta do atacado puderam iniciar e terminar o combate em ordem de fila, já no de Anhatomirim esta ordem não foi possivel nem seria conveniente manter.

Tendo a *Gustavo Sampaio* perdido o torpedo do tubo de pròa por má interpretação de ordem quiz o seu digno commandante com o segundo disputar bizarramente as honras da jornada e debaixo de fogo intenso manobrou logrando uma posição satisfactoria.

Esta manobra naturalmente não podia nem convinha ser seguida em ordem de fila porquanto, á tão fraca distancia o inimigo, seria affrontal-o inutilmente com risco de graves avarias.

Interrompida por consequencia a ordem em que navegavam ficaram os seus commandantes entregues a propria inspiração e buscando a posição que se lhes afigurasse melhor.

Deste modo procurou collocar-se a *Silvado* em posição favoravel, vendo-se o seu digno commandante infelizmente privado de fazer uso da arma : 1° para não ferir a *Gustavo Sampaio*, e 2° para não atrapalhar e ficar safo da *Pedro Affonso* que girando tomara posição para atirar o seu torpedo.

Esta conseguio posição conveniente e logrou atirar dous torpedos infelizmente sem successo, muito embora a confiança que nelles se depositava o que não extranhará quem conhecer esta arma.

Sem de forma alguma querer obscurecer a justa homenagem que prestam ao 1° tenente Altino Corrêa, meu particular amigo, e a qual me associo de todo coração, é preciso que se observe que n'um combate de torpedeiras o merito não consiste sómente em ferir o adversario mas tambem em dirigir as velozes embarcações sem que ellas se tornem em ameaça para os proprios companheiros. Ha perigo em mover-se e em pairar. Ha perigo em andar a toda a força ou devagar e atravez a escuridão da noite, ao sibilar das balas e a anciedade geral é preciso que domine a figura calma do commandante, sem açodamento, sem precipitação, soffreando os

irriquietos e animando pelo exemplo as energias adormecidas.

A vista pois, penso que a melhor ordem para procurar o inimigo é a de fila, ficando á pericia e á coragem do commandante todo o ataque por ser impossivel prever as innumeras condicções em que se dará.

2ª Em que numero deve produzir-se o ataque e que classes de torpedeiras devem ser destinadas? Considerando que as condicções evolutivas desta classe de embarcações deixam muito a desejar e que a *Gustavo Sampaio* e a *Pedro Affonso* concorreram para não permittir a *Silvado* utilisar-se de seus torpedos, parece-me que bastarão duas torpedeiras por couraçado e que as empregadas devem ser justamente as menores da esquadra.

Sei que esta maneira de pensar parecerá extranha a muitos que pensam que a melhor tactica n'um ataque de torpedeiras é pôr o pessoal do navio impossibilitado de attender a todos os pontos para a sua defesa.

Julgo, porém, que com uma ou duas torpedeiras se effectuará melhor uma surpreza, bastando esta superioridade de consideravel alcance

3ª Qual a tactica preliminar do ataque? Incontestavelmente a de tentar surprezas com a ideia fixa de não aceitar o combate. Uma esquadra ou navio que sentir em seu encalço uma divisão de torpedeiras terá o seu pessoal desde o commandante ao ultimo marinheiro em anciosa espectativa. Tudo lhes da rebate. O piar de uma ave aquatica ou o bater dos cabos na mastreação os assusta e quasi que se póde affirmar que um regimen destes durante 3 ou 4 noites acaba com a energia da guarnição mais disciplinada, mais corajosa e mais aguerrida.

Será desleal esta conducta? Não, porque o pessoal que vai ao combate n'uma torpedeira sempre desabrigado e a uma distancia insignificante tem a vida constantemente em perigo.

4ª Ha necessidade de parar a torpedeira como o fizeram os valorosos commandantes da *Gustavo* e da *Pedro Affonso*? Não o creio não só por que em exercicios se tem conseguido excellentes pontarias em movimento como tambem porque as torpedeiras *Almirante Lynch* e *Almirante Condell* moviam-se quando alvejaram o *Blanco Encalada*.

Comprehende-se que a pontaria, parado o navio, será feita com mais segurança, mas julgo que não compensa os grandes perigos que acarreta. A melhor defesa da torpedeira contra os innumeros projectis inimigos é a velocidade que não permitte alvejal-a convenientemente sendo os tiros sem grande precisão.

Parada, perde naturalmente esta grande vantagem e com grande risco porque sobre ella se concentra no momento o fogo rapido das metralhadoras e canhões-rewolver, em que é farta a defesa d'um grande couraçado.

5ª A que distancia deve ser effectuado o lançamento d'um torpedo? A pratica nos simulacros de combate aconselha atirar de 400 a 500 metros [1] attendendo a poderem os torpedos effectuar um percurso de 700 a 800 metros com bastante confiança. A *Gustavo Sampaio* logrou fazel-o a 150 metros, e a *Pedro Affonso* a 180 e sómente uma diminuta parte da grande massa de ferro jogada do poderoso couraçado as alcançou.

Muitos attribuem e entre outros os dignos commandantes das torpedeiras em acção este facto, o que me perece possivel, a estarem as alças de mira preparadas para 400 ou 500 metros e as torpedeiras se acharem dentro do circulo da rapida artilheria.

1. De bordo da *Gustavo Sampaio* affirmam haverem ouvido o seguinte dialogo que bem merece uma citação não só para dar ideia da pequena distancia como de que se achava o couraçado rebelde prompto para o combate. Uma voz que reconheceram ser do official que então o commandava, disse : Ahi chegam as torpedeiras, ao que lhe contestou um dos seus officiaes : Não, commandante, é o *Itapemirim* que vem da cidade ; ouvio-se logo a voz mandando fazer fogo sobre as torpedeiras.

6ª Um encouraçado resiste ao ataque de torpedeiras? É difficil responder esta questão muito embora os resultados conhecidos [1].

Sem remontarmos a guerra anglo-franco-russa estudemos as duas campanhas ultimas que nos fornecem exemplos. O combate de Caldeira em que o *Blanco Encalada* foi mettido a pique não póde resolver pela affirmativa porquanto este couraçado não se havia prevenido para o combate por julgal-o pouco provavel por motivos que é fóra de tempo analysar e muito embora em poucos minutos se tenha consummado o facto o que é certo é que foram necessarios 5 torpedos.

Já na batalha naval de Anhatomirim em que o *Vinte e quatro de Maio* foi ferido as circumstancias eram outras. Os revoltosos esperavam o ataque e sabiam por signaes do movimento da esquadra. Tinham defesa sub-marina e ao seu dispor um navio pequeno os protegendo.

Tinham o pessoal todo a postos, fazendo um fogo desabrido, e faltava-lhes sómente rêde contra-torpedos.

O ensinamento que se póde tirar desde já a meu vêr é que a artilheria rapida e metralhadoras não bastam para proteger o navio contra uma surpreza de torpedeiras e que talvez muito lucrem os grandes couraçados em campanha com a defesa de rebocadores de esporão, bôa velocidade, não precisando exceder a 12 milhas, as melhores condições evolutivas, afim de obstar a approximação de torpedeiras procurando e aceitando o combate com ellas pelo choque.

Estes rebocadores deveriam ser curtos, armados com metralhadoras sómente e mais, possuirem torreão couraçado e machinas abrigadas abaixo do nivel d'agua.

1 O estudo da campanha chino-japoneza viria corroborar o nosso modo de pensar. Abstivemo-nos, porém, não só para conservar a este trabalhozinho o seu typo primitivo como, tambem por falta de tempo para delle tirar os mais proveitosos ensinamentos.

Com grande vantagem poderiam ser empregadas em vedetas nos pontos obrigados de passagem afim de atrazar-lhes o caminho.

Em combate de esquadras poderiam prestar valiosissimos serviços rebocando para fóra do campo de acção os navios, cujas avarias os impedissem de continuar a combater. Todos os que navegam sabem o quanto é difficil passar os cabos, de reboque com um navio de grandes dimensões e costado fragil.

Mas admittindo mesmo as mais favoraveis condicções, isto é, linha avançada de signaleiros, defesa sub-marina vedetas avançadas e embarcações protectoras será permittido confiar n'um ataque regularmente combinado e levado a effeito por pessoal capaz? Penso que sim e tanto que acredito dever-se actualmente dar maior desenvolvimento entre nós á poderosa arma.

Ao espirito esclarecido do commando em chefe d'uma esquadra em operações de guerra compete escolher entre os seus mais distinctos officiaes os commandantes das velozes e arriscadas embarcações. Me parece não ser exagerada a confiança de que um ataque de torpedeiras será quasi sempre corôado de successo quando satisfeitas as necessarias condições os seus commandantes reunirem á capacidade profissional destresa nas suas resoluções e calma na occasião do perigo.

Pouco deve importar a perda d'uma ou duas torpedeiras com o pessoal relativo de 40 a 50 homens se o valor do couraçado e a grande tripolação que elles comportam compensam largamente um tal desastre.

Falta agora a considerar o couraçado navegando a noite para livrar-se d'um ataque de torpedeiras.

Dentro do porto pouco lucraria podendo acarretar-lhe serios perigos. Comprehende-se que mesmo n'uma vasta bahia como a em que se deu o combate um grande navio pairando

ou movendo-se com as cautelas que requer a navegação poderá ser arrastado por má apreciação de distancias[1] ou qualquer outra causa sobre um parcel onde possa naufragar. Demais não se poderá exigir d'um pessoal de machinas por mais vigoroso que elle seja que se não deixe dominar pela fadiga.

No mar não. O couraçado acha-se perfeitamente ao abrigo: 1° porque é difficil as torpedeiras encontrarem-no a noite e só mero acaso o permittirá; 2° porque o torpedo, que em aguas tranquillas ou fracamente agitadas na superficie marcha perfeitamente, em aguas onduladas poderá soffrer perturbações que a experiencia ainda não indicou, mas provavelmente existem.

Poder-se-hia fazer outras considerações. Circumstancias superiores me não permittem actualmente.

Que as façam os meus distinctos companheiros são os meus melhores desejos.

1. Sempre me refiro ao ataque de torpedeiras a noite e nunca de dia, pois não podendo realizar uma sorpresa seriam vistas a grande distancia e eliminadas com a artilheria de tiro rapido

DOCUMENTOS

Partes officiaes[1]

N. 229 Commando-chefe da esquadra brazileira em operações de guerra nas costas do Brazil Bordo do cruzador *Andrada*, 16 de abril de 1894.

Ao Sr. vice-almirante Francisco José Coelho Netto, ministro da marinha Incluso vos remetto as cópias das partes dadas pelos commandantes das torpedeiras *Gustavo Sampaio*, *Silvado*, *Pedro Ivo* e *Pedro Affonso* sobre o ataque ao couraçado *Aquidaban*, na madrugada de 15 do corrente, no porto do Desterro; por ellas vereis a coragem e dedicação de que deram provas os commandantes e suas guarnições, sendo esse valor o penhor mais seguro que tenho para alcançar a victoria sobre os rebeldes.

1 Extrahidas do *Diario Oficial* de 24 de Abril de 1894. Lamentamos não transcrever as partes dos demais navios da esquadra, por não terem sido ainda publicadas e não o fazemos com pesar pelo papel saliente que tambem tiveram facilitando as torpedeiras effectuarem a surpresa, fatal ao adversario no memoravel combate.

Em tempo declaro que a parte da torpedeira *Pedro Affonso* ainda não veiu, e será enviada em tempo opportuno. Acaba de chegar e vos envio.

Saude e fraternidade—*Jeronymo Francisco Gonçalves*, commandante-chefe.

—*—

Bordo da *Gustavo Sampaio* na bahia de Tijucas, 16 de abril de 1894. Ao Sr. contra-almirante commandante da esquadra em operações—A' vossa apreciação apresento as partes a mim dirigidas pelos commandantes das torpedeiras sob meu commando; nellas vereis que demos execução ás ordens recebidas do commando-chefe da esquadra de atacar o couraçado *Aquidaban*, a todo risco, na madrugada de hoje. Em cada uma das partes podeis avaliar o que cada um fez. Pela *Gustavo Sampaio*, navio capitanea, foi elle chocado por um torpedo de bombordo, por baixo da torre de vante, não podendo eu dizer-vos o resultado deste torpedo; julgo, porém, quasi certo que não poderá o *Aquidaban* sair do logar em que se acha, pois sondavamos em sete metros.

Na parte do commandante da *Gustavo Sampaio* vereis os prejuizos que teve; a torpedeira *Silvado* e a *Pedro Affonso* nada soffreram.

Ao concluir a nossa missão forçaram as torpedeiras as passagens dos fortes, fundeando ao signal do almirante.

Saude e fraternidade—*Gaspar da Silva Rodrigues*, commandante da 2ª divisão.

—*—

Bordo do caça-torpedeiras *Gustavo Sampaio*, capitanea da divisão de torpedeiras—Enseadas de Tijucas, Santa Catharina, 16 de abril de 1894.

Ao Sr. capitão de mar e guerra, commandante da divisão de torpedeiras da esquadra—Passo a dar-vos a parte official do combate, travado pelo navio do meu commando com o couraçado rebelde *Aquidaban*, fundeado na barra do norte de Santa Catharina, entre os fortes de Santa Cruz e dos Ratones, na madrugada de hoje.

A's 2 horas e 25 minutos da manhã, reconhecido o signal do navio almirante para dar começo ao ataque, investi resolutamente a meio do canal á toda força de vapor, sendo em seguida obrigado a diminuir de marcha para não perder de vista as outras torpedeiras que navegavam pela pòpa, e assim á meia força cortei pelo centro a linha de torpedos, que consta existir entre os fortes de Santa Cruz e Ponta Grossa continuando a navegar em direção aos Ratones, sem se ter dado a menor explosão. Chegando bastante proximo áquellas ilhas, mandei andar devagar, em procura do inimigo, que, encoberto pela escuridão da noite, até então não dera signal de vida, o que me fez receiar ter elle conseguido escapar-se barra fóra antes de iniciado o bombardeio da esquadra legal. Felizmente, porém, guinando a BE, approximei-me bastante do Sacco de S. Miguel a ponto de receiar o pratico não haver bastante agua (pelo que tive de navegar de prumo na mão), fazendo a volta por BE, ainda contra as observações do pratico, conseguindo afinal, depois de momentos de anciedade, descobrir já á pequena distancia da pròa o couraçado rebelde que immediatamente rompeu sobre mim vivissimo fogo de metralhadora 25 mm e dos canhões Armstrong de 15 cm. dos seus reductos, fogo esse que prohibi que fosse de bordo respondido emquanto não terminasse o ataque de torpedos. Reconhecendo que me achava enfiado pela sua pròa voltada ao sul, quasi um pouco a BB, para obter lazeira e manobrando com as machinas, consegui fazer ala e larga por BE, de modo a atacal-o com o torpedo de pròa, na normal ao meio de seu casco a BB, a uma distancia de uns 200 metros. Quando, porém, feita

perfeitamente a visada, páro as machinas e dou a voz de fogo, soube com desgosto que, por confusão, o official desse tubo de torpedos julgára ouvir antes essa voz e como o confirmassem as praças presentes, disparára esse torpedo antes que o navio estivesse aproado ao inimigo, de modo que foi elle inutilmente perdido.

Tentei guinar a BE para atacal-o com o torpedo de BB, mas receei perdel-o por estar conteirado para um angulo de 30° da normal para a prôa e mudando de ideia, carreguei de novo o leme a BB até montar a pôpa do inimigo, guinando então a BE e manobrando com as machinas de modo a prolongar o meu costado de BE com o seu BB, a tiro de pistola, como pessoalmente o presenciaste, e parando ambas as machinas, dei voz de fogo, logo que a linha de mira attingiu o seu centro, tendo havido, porém, uma certa demora na execução da voz, o que produziu naturalmente um certo desvio.

Depois de alguns segundos de indisivel anciedade, vi perfeitamente levantar-se uma columna d'agua e como que a prôa do couraçado suspender-se, ao mesmo tempo que cessava repentinamente o terrivel e bem nutrido fogo que sobre mim fazia desde que descobriu-me.

Julgando minha tarefa concluida, não querendo arriscar-me a perder mais um dos tres torpedos unicos que tenho, e desejando deixar ás outras torpedeiras a gloria de concluirem a obra, resolvi fazer a retirada e carregando o leme a BB, forcei a todo o vapor a linha de torpedos e fui reunir-me á esquadra.

Só no momento de retirar foi que dei ordem de fazer fogo com a artilheria, sendo esta ordem recebida com o maior enthusiasmo e arrancando cada disparo estrondosos vivas á Republica, ao marechal Floriano, ao almirante Gonçalves, á marinha nacional, ao exercito e á vossa pessoa, do peito de toda a minha briosa e patriotica guarnição, que tambem não se esquecia de saudar o seu commandante.

A minha satisfação é tanto maior, Sr. commandante da divisão, quanto ao dar-vos a parte official do combate de hoje não tenho de mencionar o menor desastre ou ferimento a não ser uma ligeira escoriação no dedo minimo do cadete Augusto Curado Fleury, chefe do canhão Hotchkiss, que foi attingido na culatra por duas balas.

Annexas encontrareis a relação das balas que attingiram o navio de meu commando e as avarias sem gravidade por ellas causadas, as quaes serão facilmente reparaveis. Tenho a mencionar, porém, uma avaria na bomba de ar na machina, avaria esta que demanda certo tempo para ser reparada, attendendo ao facto de achar-se inteiramente extenuado o pessoal da machina pelo trabalho sem descanso que tem tido.

O pessoal da machina é incansavel e de uma dedicação rara e digna dos maiores elogios.

Cabe-me o prazer de communicar-vos que os officiaes e pessoal sob as minhas ordens portaram-se com a maior coragem e bravura, desafiando as balas dos inimigos da Patria, as quaes não se atrevêram a attingil-os, apezar de muito se terem exposto.

Saude e fraternidade — *Altino Flavio de Miranda Correia*, 1º tenente commandante.

COPIA. — RELAÇÃO DOS PROJECTIS QUE ATTINGIRAM O CAÇA TORPEDEIRAS GUSTAVO SAMPAIO E SUAS AVARIAS

No costado a BE — Uma bala de metralhadora Nordenfeldt 25 mm na linha d'agua á proa, na altura do cinzeiro, cortando o encanamento d'agua doce e damnificando o do distilador; duas na mesma altura, um metro acima da linha d'agua, atravessando uma dellas o beliche do camarote dos machinistas á proa, duas junto ao turco da canoa, no angulo da borda.

No costado a BB — Uma bala na próa, dois metros acima da linha d'agua, junto ao cinzeiro desse lado; uma na camara

do commandante, atravessando a chapa do costado e o beliche, na altura do travesseiro.

Diversas — Duas balas na cozinha da guarnição, que foi atravessada de lado a lado; duas no camarim de navegação, partindo vidros, venesianas e um tinteiro que achava-se sobre a mesa; uma na caixa da fumaça, que por ahi entrou até á chaminé.

No 2° escaler atravessaram diversas deixando todos os remos partidos e as taboas do resbordo furadas, ficando inutilisados dois tanques; uma na carangueja do mastro grande e outra na romã do mastro do traquete; uma no escudo do rodizio de vante, partindo uma porca com o pedaço do parafuso e duas no 1° canhão Hotchkiss a BB, penetrando na culatra da direita para a esquerda, sem comtudo conseguir chegar até a alma, porém deixando duas profundas mossas, uma das quaes fez enjambrar o apparelho da culatra; duas balas no holophote sobre o passadiço, atravessando-o de lado a lado. Ficaram tambem crivados por balas o ventilador de lona e toldas que estavam colhidas sobre o convéz, por baixo do rodizio de vante.

Bordo do caça-torpedeiras *Gustavo Sampaio*, na enseada de Tijucas, Santa Catharina 16 de abril de 1894—*Altino Flavio de Miranda Correia*, 1° tenente-commandante.

Bordo do cruzador *Andrada* no Porto Bello, Santa Catharina, 16 de abril de 1894— *Barnabé de Carvalhães Junior*, escrevente —Confere —*Sebastião Guillobel*, 1° tenente-secretario.

—※—

Bordo da torpedeira *Pedro Affonso*, na enseiada dos Ganchos, 17 de Abril de 1894.

Ao illustre cidadão capitão de mar e guerra Gaspar da Silva Rodrigues, commandante da 2ª divisão da esquadra em operações.—Cabe-me o dever de levar ao vosso conhecimento o occorrido com esta torpedeira hontem por occasião do ataque

ao couraçado *Aquidaban*, actualmente a serviço dos inimigos da Patria, com séde hoje neste Estado.

No intuito de dar plena execução ao plano emanado do commando-chefe, para a realização do referido ataque, suspendi em virtude do signal feito pelo navio capitanea ás 11 horas da noite, occupando em seguida o logar que me fôra designado na 2ª divisão, logo que vos puzestes em movimento.

Tendo sido este o quarto, naveguei sempre á pôpa da torpedeira *Silvado*, que na linha me precedia, até o momento em que começaram as hostilidades das divisões de cruzadores ás fortificações inimigas, afastando-me algumas vezes da minha primitiva posição quando a isto era obrigado por circumstancias imprevistas.

Ao signal convencionado, feito pelo commando-chefe, ordenando o avançamento da 2ª divisão até então parada sobre machinas a meio canal, tomei minha verdadeira posição, nella mantendo-me até a altura onde suppunha-se existir uma linha torpedica inimiga, isto é, entre as fortalezas de Santa Cruz e Ponta Grossa.

Ahi, porém, reconhecendo ser diminuta a marcha da torpedeira que por esta occasião me precedia, a *Pedro Ivo*, obrigando-me a distanciar-me dos demais navios da mesma divisão, resolvi tomar a sua frente, o que effectivamente se deu baseando-me em uma das ultimas ordens do dia, do commando-chefe, que me autorisava a assim proceder quando este facto se verificasse.

Transposta a supposta linha sem o minimo incidente, continuei a navegar sempre á pôpa da torpedeira que me antecedia, procurando sempre effectuar as manobras desta capitanea em procura do inimigo, que não se achava no logar onde se presumia ser por elle occupado até então.

Depois de varias pesquizas, quando a capitanea dirigia-se para o Sacco dos Caixeiros, eis que o mesmo se denuncia com

tres ou quatro disparos de metralhadora, dando-nos assim a conhecer sua verdadeira posição.

No momento em que manobrava para atacal-o, sentindo-se o inimigo sob a ameaça dos nossos torpedos, cobrio o navio sob meu commando de uma verdadeira chuva de projectis, que pela elevação de sua mira iam perder-se nas suas circumvisinhanças.

Achando-me nesta occasião a 1[illegible] metros presumiveis do seu costado fiz disparar successivamente os dois torpedos da tolda atirando o primeiro em linha obliqua dirigido a alheta de BE e o segundo quasi em linha normal ao mesmo costado, não o tendo podido fazer ao de prôa por se me haver partido a haste da corrediça da machina de comprimir ar, quando procurava encher os accumuladores para seu disparo, como disto fiz sciente, momentos antes da investida, ao Sr. commandante desta divisão.

Não posso affirmativamente attestar a este commando a efficacia de algum desses disparos, mas, a dar credito ao que diz quasi toda a guarnição do meu navio, consegui fazer explodir o primeiro, sendo porém esta affirmativa para mim impossivel, devido á minha posição de commandante que tinha que attender aos multiplos affazeres inherentes ao meu cargo em tão melindrosa occasião.

Julgando terminada a minha missão no scenario da lucta, mandei agir as machinas a toda a força, afim de mais rapido possivel furtar-me ao fogo ininterrupto e cerrado de que era alvo, livrando assim a torpedeira e as vidas a mim confiadas de um desastroso e fatal fim. Vindo de descrever vos pallida mas fielmente a parte tomada pelo navio sob meu commando na acção empenhada hontem contra o altivo vaso da marinha brazileira, hoje desgraçadamente coito de individuos traidores a seus deveres de cidadãos e militares, passo a dar-vos uma informação succinta referente ao pessoal de sua briosa guarnição. Bastava a sua presença a bordo deste vaso de guerra,

uma das poderosas alavancas escolhidas pelo governo para fazer ruir por terra todos os pedestaes de falso patriotismo, de tresloucadas ambições, de indisciplina militar, tão pungentemente começados a erguer-se na madrugada de 6 de setembro, para solemnemente attestar de quanto patriotismo, de quanta abnegação e de quanta bravura acham se repletos os seus nobres peitos de verdadeiros brazileiros e sinceros crentes das instituições que nos regem.

A sua officialidade, composta em sua maior parte de homens já acostumados a render homenagem á deusa do direito e da justiça, em uma occasião em que periclitava a candidez das suas vestes, e o manto negro da anarchia a mais feroz surgia lugubre tentando envolver-lhe a fronte, cumpriu o seu dever; salientando-se, porém, não pelo excesso de correcção no cumprimento de seus deveres, mas sim pela sua qualidade de civis, agora militarisados, os officiaes Eduardo Augusto Montandon, alferes do batalhão Tiradentes, e José André Maia filho, guarda-marinha em commissão e commissario deste navio, que sem os laços que existem na disciplina e principios militares têm até hoje supportado resignados e confiantes as duras privações desta lucta ingloria e fratricida.

Attendendo á maneira brilhante e correcta por que portou-se a guarnição deste navio, acho de justiça suprema pedir-vos a promoção das praças que a compõem, de conformidade com a relação já existente na secretaria do commando em chefe e enviada pelo digno antecessor.

Antes de terminar não posso deixar de salientar a praça do corpo de marinheiros nacionaes de 1ª classe n. 592, da 19ª companhia, Julião José do Espirito Santo, que pelo sangue frio provado, pela obediencia as ordens recebidas, pela presteza na acção e pelo conhecimento da arma que manejamos, tornase merecedora de vossa attenção.

Eis o que me cumpre informar-vos certo de que busquei o buanto pude aproximar-me da verdade e cumprir meus arduos

deveres de militar e verdadeiro adepto das instituições que nos regem. — *Amynthas José Jorge*, 1° tenente commandante interino.

—※—

N. 12 — Bordo da torpedeira *Pedro Ivo* na bahia de Tijucas, 16 de abril de 1894. — Ao Sr. capitão de mar e guerra commandante geral das torpedeiras — Levo ao vosso conhecimento que hoje de madrugada, ao signal do navio almirante para que se procedesse ao ataque das torpedeiras contra o navio revoltoso *Aquidaban*, que se acha fundeado um pouco ao sul da ilha de Anhatomirim, e na occasião em que este navio investia juntamente com os outros faltou na machina a pressão necessaria, pois baixou 4 1/2 kilos impossibilitando-me assim de ter a velocidade requerida em casos taes e de occupar o meu logar na linha; peloque resolvi não seguir adiante isolado como me achava muito arriscado a parar em meio caminho e exposto ao fogo de dois fortes proximos.

Em seguida cheguei a fala do Sr. almirante, a quem communiquei o occorrido, e tendo-me ordenado elle que procurasse o cruzador *Tiradentes* e pairasse proximo, dirigi-me para a Ponta da Armação, onde me conservei até pela manhã, occasião em que recebi ordem para recolher-me ao posto que havia deixado.

Devo ainda informar-vos de que, comquanto me entristecesse devéras tal facto, não me surprehendeu *in totum*, visto que, como sabeis, as caldeiras desta torpedeira são difficeis de gerar vapor em alta pressão, a não serem trabalhadas por bons foguistas, o que não possuo.

Não obstante, este navio acha-se prompto a desempenhar qualquer commissão que o bem publico requeira e a tranquillidade da Patria o exija.

Saude e Fraternidade. — *Julio Alves de Brito*, 1° tenente-commandante.

Bordo da torpedeira *Siloado*, bahia de Tijucas, em Santa Catharina, 16 de abril de 1894 — Ao cidadão contra-almirante commandante-chefe da esquadra nacional em operações de guerra — Por este meio cumpre-me levar ao vosso conhecimento os pormenores do ataque que a divisão de torpedeiras deu na madrugada de hoje contra o couraçado revoltoso *Aquidaban*, fundeado na bahia de Santa Catharina.

Tendo mais ou menos ás 2 horas e 30 minutos da manhã visto o signal convencionado, que indicava o começo da marcha para forçar a barra, que constava estar defendida por minas, segui avante, collocando-me pela pôpa da *Pedro Ivo*. Logo depois de estar com o meu navio a toda velocidade, reconheci que a *Pedro Ivo* não podia conservar sua posição e segundo vossas ordens tomei sua frente e acompanhei de perto todos os movimentos do caça-torpedeiras *Gustavo Sampaio*, navio-chefe da divisão.

Sem a menor resistencia forçamos a barra, passando sobre a linha de torpedos e começamos, andando devagar, a procurar dentro da bahia o ponto onde estava o *Aquidaban*. Parece incrivel que andassemos quasi uma hora mudando de rumo e percorrendo a bahia sem encontral-o! Attribui este facto a escuridão da noite, que não podia destacar o vulto do *Aquidaban* do fundo verde-escuro da bahia e a posição escolhida estudadamente por esse navio rebelde para esconder-se aos olhos dos denfensores da unidade nacional e preparar-se para não ir ao fundo devia ser o resultado da immensa somma de males que por meio delle nossos desvairados compatriotas causaram á nossa estremecida patria.

Finalmente, quando já começavamos a descrer de encontral-o, estando a *Gustavo Sampaio* andando muito devagar por minha prôa e este navio parado, afim de ganhar maior distancia para bem manobrar, eis que da sombra, por trás de Anhatomirim, rompe fogo um navio, que reconhecemos ser o *Aquidaban*, secundado pela fortaleza Santa Cruz na ilha

Anhatomirim, os quaes nos cobriam de metralha, que felizmente nenhum mal nos causou por causa da elevação de suas pontarias.

Manobrei immediatamente com as machinas e quando tive o dito couraçado pela prôa, me vi impedido de disparar o torpedo deste ponto por causa do *Gustavo Sampaio*, que guinava para BB, e assim corria risco de ser chocado se eu o disparasse.

Continuei no meu intento de perseguir o couraçado rebelde, quando por meu travez de BB, surge a *Pedro Affonso*, a qual, como trazia mais seguimento, porque não estava girando pelo effeito das helices no mesmo ponto, me obrigou a mudar de alvitre e tentar fazer o giro em sentido opposto.

Com esta coincidencia, que muito me contrariou, perdi a opportunidade de disparar meus torpedos e debaixo de um vivissimo fogo do *Aquidaban* e da fortaleza Santa Cruz recebi communicação de que um navio rebelde avançava contra o meu travez de BB á toda força.

Não sendo uma torpedeira capaz de soffrer um choque desta ordem sem perda immediata; tendo visto o navio que sobre mim se dirigia; sendo, além disto descoberta, por um holophote, que não sei realmente de onde partia, e tendo visto sair a barra a *Gustavo Sampaio* e a *Pedro Affonso*, só tive uma solução a tomar para safar-me da precaria situação em que me achava e essa foi de recolher-me ao grosso da esquadra sob vosso glorioso commando, forçando de novo a barra sob o fogo das duas fortaleza que a defendem.

Felizmente não foi inutil a presença do navio sob meu commando, porque sua proximidade dos navios rebeldes serviu de alvo dos muitissimos tiros que lhe faziam, distrahindo sua attenção e permittindo que elles fossem mais bem atacados pelos que estavam occasionalmente mais bem collocados.

Nenhum prejuizo material nem pessoal soffreu o navio sob meu commando. Apenas um projectil de canhão de tiro

rapido amoldou a chapa do embono da bochecha de BB desta torpedeira.

Cumpre-me vos declarar que tanto a officialidade, como a guarnição e o pessoal de machinas, dignos de todo elogio, portaram-se com calma e denodo, mostrando assim estarem possuidos realmente da justiça e da grandeza da causa que defendemos.

Congratulando-me convosco vivamente pelo successo obtido nesta gloriosa manhã, faço votos para que em breve possamos delirantes entoar hymnos á victoria final de nossa estremecida patria e de sua liberrima organisação politica.

Viva a Republica! Viva o governo legal! Vivam o exercito e a armada! — *Americo Brazilio Silvado,* 1º tenente commandante.

O Aquidaban

Sertão do Rio Grande do Sul, em 17 de julho de 1894 [1].

DESCRIPÇÃO DO ULTIMO COMBATE DO « AQUIDABAN » EM QUE ELLE FOI INUTILISADO, POR UM TORPÊDO QUE O FERIO, NA MADRUGADA DE 16 DE ABRIL DE 1894.

Como commandante desse navio, vou descrever com simplicidade esse feito cantado em prosa e verso pelos *heróes*, que receberam do Governo, não só o titulo de bravos como tambem recompensas extraordinarias.

Achava-se o *Aquidaban*, na barra do Norte de Santa Catharina, fundeado perto das *Caieiras* esperando solução da expedição feita pela esquadra, ao mando do contra-almirante Mello no porto do Rio Grande e com instrucções para seguir os navios do governo, caso esses se dirigissem para ali, afim

1. Transcripto do *Jornal do Commercio* de 16 de julho. Dando-a em sua integra e sómente com ligeiras notas é nosso fim offerecer em seu conjuncto o facto historico de que nos preoccupamos seriamente.

de bloquear a esquadra revolucionaria. A esse tempo aproveitavamos a occasião, para concertar as caldeiras e as machinas, que se achavam em estado deploravel, em consequencia do trabalho consecutivo e forçado que já durava seis mezes. Faziamos grandes esforços para preparar tres canhões das torres, completamente inutilisados, de modo que pudessemos fazêl-os funccionar quando fosse necessario. De combinação com o segundo governo provisorio, envidavamos todos os meios para pôr a *barra do Norte* em estado de defesa, visto que o primeiro governo só cuidou de politica, abandonando completamente a defesa de seu porto. Assoberbados com essas difficuldades, sem meios pecuniarios, sem operarios, sem material emfim, era preciso lançarmos mão de objectos inuteis para com elles guarnecer a nossa porta, escancarada ao inimigo. Foi assim que conseguimos montar duas peças na fortaleza de Santa Cruz, duas nos Ratones Grandes, e tinhamos duas pequenas em via de serem montadas na Ponta Grossa. Quanto a torpêdos, estava a pequena officina da cidade de Desterro, aproveitando tubos de ferro fundido, vindos da estrada de ferro de Ibituba para arranjal-os como torpêdos de fundos. Infelizmente experimentando um delles na fortaleza de Santa Cruz, nenhum resultado pudemos obter, não só devido á sua fórma longitudinal, como tambem porque as extremidades não correspondiam á solidez do centro e o effeito tornava-se completamente nullo. Nessa difficil emergencia, sem recursos de qualquer genero, procuramos substituir os verdadeiros torpêdos por algumas *boias simples*, esparsas em todo o canal apparentando aquillo que não existia. Apezar das difficuldades, não perdiamos a coragem e adeantavamos todo o serviço de preparativos, não só no *Aquidaban*, como nos fortes. Infelizmente a approximação do inimigo, fez cessar de algum modo certas providencias urgentes, não só porque os operarios fugiam do trabalho, como tambem porque o partido do Governo agitava-se na cidade e trabalhava livremente.

Eis a razão por que, como mais tarde explicarei, fomos trahidos no *Aquidaban*, dando assim lugar a victoria do inimigo. A não ser esta *politica* dos partidarios do Governo, caro e muito caro deveria custar aos *heróicos* vencedores o triumpho tão facilmente ganho e cantado como um feito glorioso da famosa esquadra que se bateu a dez milhas de distancia.

Honra seja feita ao Sr. 1º tenente Altino Corrêa, commandante da torpedeira *Gustavo Sampaio*, a elle, sómente a elle, deve-se ter sido inutilisado o *Aquidaban*. Quanto aos outros que sejam julgados pelos seus proprios companheiros.

Vejamos. Nós, do *Aquidaban*, fomos classificados de covardes, em ordem do dia espaventosa, depois que o nosso navio foi abandonado como inutil, do que foi préviamente avisado o almirante Gonçalves por um commandante de navio de guerra allemão. A bordo só havia então um gallo de olho furado. A gente da grande esquadra foi classificada heroica. O que dirá mais tarde a historia de nossa Patria? Qual será hoje o juizo dos nossos concidadãos? Qualquer que elle seja, de minha parte, eu me conformarei, não deixando, entretanto, de contar o facto tal qual se deu.

Não podendo precisar bem o dia, porém creio que 8 ou 9 de abril, foi avistado o *Itaipú* entre Rapa e o Arvoredo. Sem meios de perseguil-o, porque não tinhamos com que, visto o *Aquidaban* não lhe poder dar caça, em virtude de sua marcha de seis milhas, emquanto elle podia desenvolver 16 ou 17 milhas, ficamos, entretanto, convencidos de que o inimigo estava a chegar. Certos disso, esperámol-o tranquillos para cumprir o nosso dever; mas a minha preoccupação principal era saber se os navios do Governo dirigiam-se ao Sul em perseguição da esquadra revolucionaria, ou se ficavam bloqueando o porto. Tendo tomado providencias para vigilancia nos morros, porque não tinha torpedeiras, nem navio capaz de fazer uma pequena exploração, fiquei prompto, de accôrdo com as instrucções que tinha para acompanhar o inimigo na retaguarda, caso elle fizesse

derrota para o Sul, ou recebel-o no porto com as honras devidas. Nessa espectativa, passáram os dias, até que a 11 de abril, recebi a triste noticia de que a expedição do Rio Grande se tinha mallogrado e que a esquadra revolucionaria abandonára o porto... Tendo combinado com o almirante Mello, que elle regressaria a Santa Catharina, caso a expedição se mallograsse, anciosos esperavamos o regresso dos nossos companheiros, na esperança de um combate naval, que tanto almejavamos, para decidir de uma vez a nossa sorte. Providencias foram tomadas de modo que os morros, barra do Sul e outros pontos nos assignalassem a approximação de nossos companheiros, afim de que a elles nos pudessemos reunir rapidamente para entrarmos conjuntamente em acção.

Promptos sempre para combate e activando o recebimento de carvão que escasseiava e era difficilimo, passavamos as noites e os dias em constante vigilancia e actividade.

Da esquadra inimiga conheciamos os movimentos pelos vigias dos morros e proprios que vinham da enseada das Tijucas, onde ella se achava. Contavamos tambem com um grande desembarque, e providencias foram tomadas nesse sentido, de modo que não fosse sorprendido nenhum dos fortes da barra.

Durante a noite a esquadra inimiga fazia evoluções entre o Arvoredo e o Rapa e dava alguns tiros muito de longe, de dez e doze milhas de distancia, porém como os morros queimavam tijellinhas e sobre tudo o do Rapa, que annunciava os seus movimentos, pela madrugada ella se retirava em boa paz, para o fundeadouro.

Assim se passáram os dias entre 11 e 16 de abril; a nossa anciedade crescia a proporção que as horas corriam, porque não podiamos explicar a demora de nossos companheiros, que, tendo sahido do Rio Grande no dia 11 e havendo bom tempo e vento favoravel para o norte, ainda não haviam chegado. Depois de alguns dias de espera, uma duvida terrivel começava a invadir a espirito dos meus camaradas de bordo e do dia 15

para 16 accentuava-se a convicção de que não podiamos contar com os nossos companheiros....

Ha uma circumstancia importantissima que é necessario referir antes de entrar na descripção do famoso ataque levado á effeito pela *esquadra heroica*, ao mando do muito bravo e inexcedivel tactico, o chefe Jeronymo Gonçalves.

Os morros e as fortalezas, que até á noite de 15, sempre assignalavam o movimento da esquadra inimiga por meio de tijellinhas, na noite de 16 de abril conservâram-se de olhos fechados, como o meu pobre gallo cégo, que teve a heroicidade de esperar impavido na sua capoeira, a bordo, o terrivel inimigo que o veio degolar no seu posto e que morreu sem ter visto as figuras sinistras dos assassinos dos nossos heroicos companheiros Carvalhos.

A 1 hora da madrugada do dia 16 de abril, estando silenciosos os vigias dos morros e das fortalezas, o rebocador ao serviço do *Aquidaban*, em ronda, com um official de bordo, assignalou movimento da esquadra e veio participar-me que tinha visto entre Arvoredo e Rapa, navios que se moviam. Achei extraordinario que os vigias do Rapa e do forte Ponta Grossa não dessem signal, entretanto, ordenei ao mesmo official que fosse vigiar o canal entre Santa Cruz e a terra, por onde podia passar, costeando, uma torpedeira, e vir sorprender-nos, manobra essa que eu mesmo já fizera muitas vezes, na esquadra commandada pelo almirante Jaceguay, estando ella prevenida do ataque, em horas determinadas, fazendo funccionar muitos holophotes para devassar o horizonte, tendo as guarnições descansadas e vigilantes, e eu apenas duas horas para realizar a sorpresa, que nunca falhou.

Voltando á minha descripção : Pouco depois de uma hora da madrugada, estando o navio prompto para combate e com quasi todos os meus officiaes no passadiço, prestavamos attenção ao movimento da esquadra inimiga; em seguida, começámos a *ver* os clarões dos tiros de artilharia, porque

ouvir era impossivel, tal a distancia do inimigo — dez milhas pelo menos[1]. Como as fortalezas não respondiam ao fogo, tirámos a conclusão de que ellas não queriam perder munição em tão grande distancia e certos de que estavam vigilantes e promptas, continuámos a observar as evoluções da esquadra[2], estando no entretanto com a machina prompta para mover o navio e amarração sobre o fio, esperando tranquillo o signal das fortalezas, no caso de uma tentativa de ataque. Estando o mais proximo possivel de terra, encoberto pela sombra do mato, adoptei tactica diversa daquella communmente seguida; não tendo outras torpedeiras para constituir a vanguarda e fazer explorações, confiando na vigilancia dos fortes, ordenei que apagassem todas as luzes visiveis pelo exterior de modo que a sombra da terra projectada em grande distancia envolvesse tambem o *Aquidaban*, e confiado eu nestas providencias o tempo foi correndo até ás 4 horas da manhã.

As fortalezas tinham instrucções precisas e bem explicitas, para assignalar a passagem de navios ou torpedeiras. Uma circumstancia importante: esperava eu da cidade, ás 4 horas da madrugada, um vaporzinho, o *Itapemirim*, com um reforço da tropas, para guarnecer um ponto de terra em frente á fortaleza de Santa Cruz; o governador tenente Machado, que me telegraphára, nelle viria conversar commigo.

Já tinham dado 4 horas quando o bravo 1º tenente Alvaro de Carvalho disse-me: « Commandante, vejo um vulto distante pela prôa » (na direcção da cidade, porque o navio estava filado a vasante) e eu respondi-lhe: « Deve ser o *Itapemirim*, que espero justamente ás 4 horas, como tive aviso. « Elle respondeu-me : « Não parece ser o *Itapemirim* ». Então disse-lhe :

1. Quem navega sabe que a 6 milhas o casco d'um navio regular fica completamente *alagado*, não sendo possivel no quasi dobro desta distancia ver o rapido clarão d'uma peça que dispara.

2. Que distancia especial póde ser esta, que permitte em noite escura observar as evoluções da esquadra sem alcançal-a com a artilheria commum ?

« Faça fogo por elevação, que elle responderá immediatamente ao signal » ; e rapido o mesmo bravo dirigio-se á prôa e fez com a sua propria mão uma descarga de metralhadoras ; ao som estridente dessa descarga os vigias assignaláram « torpedeiras ». Immediatamente ordenei : « Fogo ! Pontarias certeiras, e calma — machina adiante e largar amarração ».

Com a rapidez do pensamento as minhas vozes de mando foram executadas — e o *Aquidaban* despedio de suas entranhas uma salva geral, fazendo fugir como relampagos as torpedeiras que tinham ousado apparecer-nos pelos bordos e pela pôpa, aproximando-se entretanto com rapidez, a que tinha sido vista pela prôa, em direcção BB e que eu suppuz ser o *Itapemirim* esperado a essa hora.

Esta torpedeira cumprio o seu dever, antes de fugir – lançando um torpedo na prôa do *Aquidaban*, emquanto as outras desappareciam no horizonte, deixando de secundar o seu bravo companheiro, que, se fosse auxiliado, teria escripto uma pagina gloriosa para a marinha de guerra brazileira e que serviria de lição ás marinhas das outras nações.

Os outros companheiros procuráram a salvação na fuga... Tudo isso passou-se com rapidez quasi igual a dos relampagos das descargas de metralhadoras ; porém o velho colosso, ficára ferido de morte. Pois bem, se o commandante da torpedeira falar a verdade, como julgo, porque é um bravo, ha de dizer : « Quando lancei o torpedo tive em resposta um enorme grito retumbante : « Viva o *Aquidaban !* viva o nosso commandante ! » e naturalmente por isso elle pensou que não nos tinha tocado. Digo-lhe eu agora, o abalo foi grande em virtude do choque ; quasi todos cahiram, sobretudo, os que estavam á prôa, porém o animo da minha guarnição não se arrefeceu um segundo e a explosão do torpedo foi respondida com a de hurrahs e vivas. E foi essa guarnição chamada de covardes pelo *grande chefe* que estava a dez milhas de distancia !

Apezar da grande vibração soffrida pelo navio que foi logo invadido pela agua, ninguem abandonou o seu posto de combate, nem houve um grito de alarma: serenos todos, calmos, esperavam os acontecimentos, promptos a morrer pela liberdade na Republica e não pela monarchia, porque no *Aquidaban* a imagem da Republica era mais venerada do que nos escriptorios dos calumniadores e no palacio do Governo.

Tendo recebido parte de meu immediato, o calmo e bravo 1º tenente Pedro Velloso Rebello, de que o rombo tinha sido grande, visto que todo o compartimento de avante já estava completamente cheio de agua, mandei chamar incontinente o valoroso, intelligente e incansavel 1º machinista Ernesto de Moura e por elle soube que a machina nada tinha soffrido. Confiando no fechamento dos compartimentos estanques, ordenei mais força á machina e segui avante em direcção á barra perseguindo o inimigo que fugia a todo o vapor.

Apezar da lentidão da marcha do chamado *Leão de Aço*, elle avançava sempre, tendo sua grande garra toda mergulhada no oceano e a juba banhando-se tambem com o esforço supremo que fazia para seguir no rasto de seus adversarios. Mal e mal se movia elle, sangrando sempre e arfando com verdadeiros arrancos, já quasi sem alento; comtudo arrastava-se para vêr ao menos de longe e á luz do dia — aquelles que o tinham ferido á sombra da noite e que agora, em corrida vertiginosa, escapávam no horizonte.

A esquadra composta de doze navios, com apparato de tres divisões, dava a pôpa ao velho moribundo, que vinha procural-os, não para vencer, porém ao menos para morrer dignamente. Esta pagina da nossa historia, teve infelizmente como testemunha o estrangeiro: A corveta de guerra allemã *Ancóna*.

Depois de esperar o inimigo fóra das fortalezas, por um grande espaço de tempo, vendo-os a todo vapor desapparecer no horizonte e não tendo mais nada que fazer, primeiro porque

não tinha a quem combater e segundo por não poder perseguil-os, pois o navio já não podia navegar, visto mergulhar de todo a prôa que as helices funcionavam fóra da agua; nessa emergencia difficil e dolorosa para mim, só me restava um alvitre: salvar a minha heroica guarnição e o *Aquidaban*, que ainda podia mais tarde dar a minha Patria dias de gloria, defendendo-a. Com esse pensamento, regressei ao porto, já com muita difficuldade, procurando um fundeadouro mais abrigado e de pouco fundo, de modo que o *Aquidaban* encontrasse um leito onde mais tarde podesse estancar a sua ferida, sem perigar a sua salvação.

Na convicção firme de que tinha sido atraiçoado pela fortaleza de Ponta Grossa e vigias dos morros, que não déram signal da passagem das torpedeiras quando, no entretanto, todos deviam estar vigilantes, porque o inimigo evolucionava nas proximidades; com o meu navio completamente inutilisado, visto que além do grande rombo feito pelo torpedo, elle tinha quasi toda sua artilheria imprestavel; sem esperança de concertal-o no Desterro, em virtude das difficuldades já conhecidas e que seriam ainda maiores logo que se soubesse em terra do resultado da lucta, conferenciei com o governador, que veio a bordo no tal *Itapemerim*, esperado ás 4 horas da manhã, e que, entretanto, só chegou, depois das 8 horas o que deu logar á fatalidade do engano havido, e permittio á torpedeira do 1° tenente Altino Corrêa, approximar-se mais do *Aquidaban*, sem soffrer um fogo vivo e cerrado que a impossibilitaria de lançar o torpedo. O resultado da conferencia com o governador veio confirmar que só o *Aquidaban* era a garantia do governo, não só porque este dispunha de muito pouca força como tambem porque propalada a noticia do desastre do Rio Grande, a *debácle* seria completa :

Ora, o *Aquidaban* inutilisado, não podendo prestar mão forte ao Governo de Santa Catharina, estava previsto o que havia de acontecer, o abandono desse governo aos florianistas,

que falavam sem rebuço na cidade, que penetravam na officina e incitavam os engenheiros a abandonar o serviço, etc.

Não frequentando a terra, com tudo estas noticias chegavam-me a bordo por diversos canaes.

Vendo clara a situação, sentindo e palpando bem o terreno, só me restava um alvitre : Livrar a minha guarnição de cahir prisioneira de guerra.

A's 11 horas da manhã, depois do almoço, reuni todos os meus officiaes e expuz-lhes a situação, e elles foram unanimes em abandonar a molle de aço, em que tinhamos nos esforçado para conquistar a liberdade da Patria. Resolvido este ponto importante, reuni toda a minha guarnição e disse-lhe o meu modo de pensar, aconselhando-os a que fossem para terra e cada um procurasse meios e modos de se abrigar, até que as cousas serenassem, para que elles então se pudessem apresentar ; disse-lhes mais que a expedição ao Rio Grande tinha fracassado e que nossos companheiros necessariamente tinham ido para o estrangeiro ; descrevi-lhes as difficuldades de uma expedição por terra, visto que nos faltavam recursos pecuniarios, armamentos de mão (a bordo só existiam 15 carabinas) meios de locomoção para tão grande pessoal, e que, para vivermos atravessando o sertão, era necessario fazermos guerra não ao governo, porém aos habitantes do interior, que não podiam comprehender a nossa missão.

Tendo esclarecido bem a situação, não quiz arrastar esses bravos a maiores trabalhos e soffrimentos. Via claro o futuro, diante da desorganisação das forças revolucionarias : assim, em despedida dolorosa e triste, misturando as lagrimas destes heróes com as minhas, nos separamos —embarcando todos elles no vapor *Itapemerim* as duas horas da tarde, conjuntamente com o governador tenente Machado, que me promettêra mandar distribuir a cada um delles, uma certa quantia, de modo que elles pudessem ter alguma cousa para as primeiras despezas.

Quanto aos meus bons camaradas officiaes, tomáram um pequeno rebocador ao serviço do *Aquidaban* e seguiram todos com suas bagagens, em direcção a corveta de guerra allemã *Ancóna* afim de pedirem refugio e transporte para o primeiro porto estrangeiro, o que lhes foi negado peremptoriamente. Um incidente: Esta corveta allemã, que ora se approximava do porto, ora se afastava para junto da ponta do Rapa, teve livre pratica no porto do Desterro, atravessava constantemente na sua lancha a vapor as linhas de defesa, de dia e de noite, foi a mesma que levou ao « heroico» chefe Gonçalves a communicação de que o *Aquidaban* e as fortalezas estavam abandonadas. Rigorosa neutralidade! A esquadra americana e a divisão allemã foram de uma neutralidade que mais tarde se apreciará convenientemente.

Emquanto toda a guarnição seguia no *Itapemirim* para a terra e todos os officiaes para bordo da corveta allemã, que estava muito distante, o commandante do *Aquidaban* ficou só a bordo, desolado, a ver que a fatalidade esmagava tanto patriotismo, tanto esforço, tanto soffrimento, tanta dedicação e tanta bravura!

A's 5 horas da tarde regressava o rebocador com toda a officialidade, communicando-me que nada tinham conseguido da corveta allemã. Diante da minha resolução de ficar só a bordo, todos os officiaes instaram, rogaram para que eu os fosse dirigir ainda em terra, para salvar-nos juntos; diante desta forte razão resolvi seguir com elles para terra, afim de tomarmos rapidas providencias e internarmo-nos deligenciando ganhar as fronteiras estrangeiras.

Por volta das oito horas da noite do mesmo dia 16 do abril, chegámos a terra—lado opposto á cidade, logar denominado Estreito; ahi esperamos o governador, que nos prometteu fornecer cavallos afim de emprehendermos a viagem para o interior; porém, como tardassem as providencias e chegassenos a noticia de que o governador já tinha tomado outro rumo,

tomámos a resolução de seguir a pé, até a cidade de S. José, onde poderiamos encontrar recursos. Ahi chegados, esperámos debalde o governador, e os recursos promettidos: só viamos caravanas de partidarios seus, que procuravam internar-se. Desenganados, sem orientação precísa, avançavamos para o desconhecido, sempre a pé, até que chegamos, pela manhã, a uma cidadezinha do interior, chamada Santo Amaro.

O unico cavalheiro que nos tinha orientado em conversa quando estavamos no porto, foi o coronel da Guarda Nacional Costa, que já tinha passado em nossa frente porque ia montado; assim, chegando na tal cidade, dirigimo-nos a uma bodega allemã, onde tomâmos café e, dizendo-nos membros de uma commissão de engenheiros, tratámos de comprar com os nossos recursos cavallos, burros, etc., etc., tudo quanto alliviasse nossos pés que já davam parte de fracos, pois tinhamos vencido, durante a noite, quatro leguas! Com effeito, entre nove e dez horas, eu já tinha conseguido um burro e todos os meus companheiros estavam mais ou menos montados, em cavalgaduras alugadas e compradas.

Só nos faltava um vaqueano e o coronel Costa já tinha tomado grande avanço. Felizmente para nós, a estrada era uma só no sertão, até á cidade de Lages.

Fazendo a vanguarda da caravana, com o meu immediato e o tenente Horacio, que tinham arranjado bons cavallos, avancei para o interior em perseguição do mesmo coronel, que cada vez se distanciava mais, até que, ao terceiro dia, á uma hora da madrugada, pude encontrar esse amigo, a quem nos juntamos. Já depois de quatro dias de viagem e em grande altitude, podemo-nos reunir, formando ao todo um grupo de 17 individuos. Em marcha, pois, já no sertão, abandono por momentos a caravana e volto a fazer algumas apreciações sobre o famoso combate em que a sciencia unida á tactica, de harmonia com a bravura, deu retumbante victoria á esquadra legalista.

Sim, foram victoriosos os da esquadra *legalista*, porém, de que modo? Como classificar esta victoria? O facto presenciado pelo estrangeiro e pelos habitantes da terra, deve mais tarde ter uma explicação clara e precisa, se a minha simples e despretenciosa narração, não for confirmada pelos meus adversarios; sobretudo pelo commandante da *Gustavo Sampaio*, 1º tenente Altino Corrêa, unico que teve parte activa na surpresa do *Aquidaban*. Como explicar o heroico feito de uma grande esquadra, commandada por um Almirante, dividida em tres divisões, que, depois da victoria, abandona o adversario, deixa-o senhor do porto e (cousa estupenda!) foge diante do adversario vencido, que o persegue para ainda combater? teria tido realmente consciencia e certeza, o 1º tenente Altino Corrêa de ter metido um torpedo no *Aquidaban*? Se teve como explica elle o facto de ter o Almirante fugido com toda a sua esquadra diante da perseguição do *Aquidaban* que ferido de morte, veio, arrastando-se para fóra das fortalezas, offerecer combate aquelles que, á sombra da noite e confiados talvez na cegueira de um dos fortes, ousaram atacar o inimigo dentro do porto? Os homens da guerra naval, como especialistas, os meus concidadãos, como interessados em um facto historico, julguem de que lado está a covardia por que nós do *Aquidaban*, fomos chamados de covardes em ordem do dia, depois que o commandante de um navio de guerra estrangeiro foi a bordo da capitanea legalista prevenir que tinhamos abandonado o navio.

No meu fraco entender, victoria teria havido, se após a surpreza, a esquadra ao mando do bravo chefe Gonçalves tivesse entrado no porto, atacasse o *Aquidaban*, «no seu esconderijo» tomasse-o á viva força, fazendo prisioneiros aos que encontrasse com vida, dando depois assalto ás fortalezas, como faziam os revolucionarios no porto do Rio de Janeiro, que, sempre em menor numero, atacáram ilhas montanhosas e fortificadas — e, victoriosos, tratavam os prisioneiros com

humanidade, propria daquelles que se batiam pela liberdade de sua Patria.

Teria havido realmente uma victoria, se a esquadra não estivesse a dez milhas de distancia; se não tivesse ao clarear do dia, fugido do vencido, que a procurava em pleno mar, já agonisante, em virtude do grande ferimento que recebera, com quasi toda a sua artilheria inutilisada, sem quasi poder manobrar, porém, que no entretanto, queria dar ao Brazil a occasião de dizer: Os meus filhos tambem sabem morrer com honra, quando é preciso sacrificar a vida pela liberdade. Tambem fomos classificados de *covardes*, na famosa ordem do dia, porque guarnecendo um navio tão poderoso, não sahimos para o mar, afim de atacar a grande esquadra. Para os homens de guerra não precisamos explicação, porque elles sabem perfeitamente, que ninguem sahe do posto onde espera ser atacado, quando tem coragem para defender-se.

Em todo caso eu vou dar aos meus concidadãos os motivos porque não sahi logo para o mar a offerecer combate a grande esquadra, do que hoje bem me arrependo.

Minhas instruções mandavam-me seguir na retaguarda da esquadra inimiga, para dar protecção a esquadra revolucionaria, no Rio Grande, caso esta fosse bloqueada, ou então esperar o desenlace da expedição de meus companheiros, ou o seu regresso, caso fossem infelizes. Prompto e alerta sobre os movimentos da esquadra inimiga, recebi no dia 11 de abril communicação do nosso desastre no Rio Grande e da sahida de nossos navios, que haviam deixado aquelle porto, fiquei convicto de que os mesmos se dirigiam ao Desterro, conforme a promessa do almirante Mello. Ficámos promptos para dar protecção aos nossos companheiros e animados para entrarmos em combate.

Assim, não quiz compromettter só o meu navio em um lance ousado, sacrificando os interesses da revolução e os meus companheiros, que deviam contar com a minha dedicação. Além

disto, o *Aquidaban* tinha esgotado todo o carvão existente no Desterro e não havia outro logar onde abastecer-nos.

Com uma marcha insignificante, que nas melhores condições, só poderia desenvolver de cinco a seis milhas, desde que encontrasse um pouco de mar ou vento, só poderiamos alcançar de duas a tres milhas, como já nos tinha acontecido muitas vezes. As caldeiras tinham ficado em tal estado, que de dia, com o calor do fogo, remendavam-se aquellas, que tinham trabalhado durante a noite; da machina, faltavam peças importantes, que tinham sido levadas para o Itamaraty, sem que tivessemos conseguido outras iguaes do estrangeiro, apezar dos meus esforços. Só a pericia e habilidade do 1° machinista Ernestino Moura, conseguio fazer mover o *Aquidaban*. Como, pois, nestas condições, poderia eu fazer escaramuças a uma esquadra, de que o navio que menos andava possuia a velocidade de quinze milhas [1] ? !

Seria em pura perda, porque o inimigo tomaria o papel de cavallaria ligeira, emquanto nós representariamos infanteria pesada em plena planicie.

A tactica contraria seria então fazer-me gastar carvão, objecto esse, para mim, de primeira necessidade, porque não havia mais no Desterro nem onde ir buscal-o. Ora o *heroico* chefe chama-nos de covardes, porque realmente elle é muito bravo, porém não quiz chamar de inepto o commandante do *Aquidaban*.

Creio que estes motivos, aliás de exposição desnecessaria, bastam para mostrar que não foi «covardia» que me deteve no porto, mas sim a previsão de homem do mar, que sentia a responsabilidade de sua missão e a confiança que devia inspirar aos seus companheiros. Se a esquadra legalista, em vez de abalar o oceano, com a sua velocidade e a sua bravura,

1. O *Tiradentes*, a *Parnahyba*, o *S. Salvador*, o *Santos*, nunca andaram as 15 milhas de que fala o narrador e ficamos surprezos da facilidade com que affirma uma tal cousa que devia ser lida por profissionaes

houvesse secundado o arrojo do 1º tenente Altino Corrêa, teria praticado uma bella acção cumprindo o seu dever; a maneira porque se houve, porém, dá-me o direito de classificar o seu commandante e officiaes de modo bem diverso.

Se a esquadra, pois, tivesse dado volta e investisse para o porto, encontraria o *Aquidaban* com tres canhões das torres completamente inutilisados, os apparelhos hydraulicos das mesmas em máu estado, os dous canhões do reducto de vante fóra de combate pelo effeito do torpêdo, o canhão de tiro rapido da tolda alta, montado dous dias antes com culatra differente e ageitada, não funccionando desde o segundo ou terceiro tiro.

Só restava ao velho *Aquidaban* para fazer frente a grande esquadra legalista, composta de tres divisões e commandada por um almirante valentissimo, que tinha dado havia pouco tempo, provas exhuberantes de seu heroismo na fortaleza de Willegaignon, apenas, dous canhões no reducto de ré, um na torre, de difficil movimento rotativo quatro canhões Krupps de sete e meio montados na tolda alta em carrêtas de campanha e nove metralhadoras de 25mm. Nas fortalezas: em Santa Cruz, dous canhões raiados, de calibre 70; na dos Ratones, um de 70 c. e outro Krupp de 8; e na Ponta Grossa, dous pequenos canhões em via de serem montados.

Quanto a torpêdos na barra, ou, por outra, no canal entre Santa Cruz e Ponta Grossa, os commandantes das torpedeiras deviam ter communicado ao almirante que elles não passaram de uma ballela, pois que por ali tinham passado e repassado sem incidente. E, além disto, o almirante devia ter recebido noticias de seus partidarios e dos pescadores da localidade que aprisionou e que o informaram da verdade.

Estando o *Aquidaban* nesse estado não seria facil a victoria? Deixo aos nossos concidadãos examinar e analysar bem os factos, de modo a poder classifical-os com inteira justiça e decidir onde houve covardia.

Volto á caravana em marcha em seu pouso, uma noite antes de passarmos pela cidade de Lages, reunidos todos em um rancho de palha, onde discutiamos o nosso destino. O coronel Costa, nosso vaqueano e guia, morador antigo em uma fazenda dos arredores de Lage, grande conhecedor da localidade e da fronteira de Santa Catharina e muito interessado na nossa salvação, aconselhava-nos e pedia-nos constantemente para nos dividirmos dizendo-nos que deviamos quanto antes separar, porque iamos entrar em uma zona povoada e logo despertariamos desconfiança n'um grupo tão numeroso.

Além disso, tinhamos sabido que o estafeta do Desterro, com ordem do nosso governo, já tinha nos passado e com rapidez se dirigia a cidade de Lages. Por informações de tropeiros que vinham do interior, soubemos que a Villa de Campos Novos estava em poder do Governo e que piquetes desta mesma força devastavam o interior, degollando e roubando. Com este quadro sombrio em perspectiva, foi resolvida a dolorosa separação, para que ao menos mais tarde, aquelles que se pudessem salvar,contassem as peripecias da guarnição do *Aquidaban*.

Subdividio-se em tres pequenos grupos a grande caravana e o coronel Costa, deu as providencias necessarias para obtermos tres vaqueanos, que nos guiassem atravez do sertão, ficando elle, seu filho e mais amigos, no local em que nos achavamos, não só porque conhecia bem a localidade, como tambem porque desejava ficar ahi. Tinhamos deixado tambem dous operarios do Arsenal de Marinha, que acompanhavam o 1º machinista e aconselhados por este, ficáram tranquillos, por serem desconhecidos, e poderem melhor occultar-se sem arriscar-se a maiores trabalhos. Na discussão travada junto de uma fogueira, em um ranchinho de palha, o ardente e destimido 1º tenente Arthur de Carvalho, declarou que se ligaria ao grupo que quizesse descer pelo caminho de Blumenau, em direcção a S. Francisco, onde encontraria navios mercantes

estrangeiros, e se contrataria como marinheiro, ganharia o mar. Continuando a discussão, tornáram-se adeptos do fogoso orador, o seu irmão, o heroico 1° tenente Alvaro de Carvalho, o calmo e bravo 1° tenente Camisão, o valente aspirante Motta e o commendador Lacerda, que tinha a bordo participado de todos os nossos trabalhos, mostrando sempre bôa vontade e ardor pela causa que defendiamos.

O segundo grupo, dirigido pelo Dr. Hungria Bicalho conhecedor da zona que tinha a percorrer por ter estado como medico na exploração feita pelo engenheiro Soares, e constituido pelo 1° tenente Magalhães Castro, o incansavel salvador nas occasiões difficies da machina do *Aquidaban*, machinista Ernestino de Moura, intrepido paisano auxiliar, o destemido Sr. Sartine, seguio em direcção á Curitibanos com rumo para o Porto da União. O terceiro grupo, composto do commandante do *Aquidaban*, immediato 1° tenente Pedro Velloso Rebello e o bravo 1° tenente Horacio Coelho seguio em direcção ao rio do Peixe, afim de ganhar o campo de Palmas e internar-se na fronteira Argentina.

Foi bem triste a despedida daquelles que estiveram unidos por sete mezes, em defesa da mesma causa, ligados pelo mesmo ardor e tisnados ainda pelo fumo dos mesmo combates. Entre lagrimas e abraços, nos separámos, entregando ao destino a nossa sorte. Eis-me hoje só, separado de meus amigos e de meus companheiros, em pleno sertão, escrevendo estas linhas em um ranchinho de taboas de pinho, todo aberto ás intemperies.

Sobre um cepo de pinho, á semelhança dos tóros de madeira em que se corta carne nos açougues, escrevo eu estas linhas. Tiritando de frio, tendo como luz um candieiro de sêbo, com pouca roupa, e esta já bem usada, derramo olhos cubiçosos sobre uma carona fria, que constitue a minha cama, estendida no chão, tendo por coberta o meu ponche rasgado, e considero que estou em um paraiso, a lembrar-me dos dias que já passei.

O ataque ao "Aquidaban" [1]

PRIMEIRA CARTA

« Sr. redactor d'*O Paiz*.— Como ao mais intemerato defensor da legalidade peço-vos espaço nas columnas de vosso jornal para as seguintes linhas :

A 16 do corrente publicou o *Jornal do Commercio* uma longa carta do ex-capitão de fragata Alexandrino Faria de Alencar, commandante do *Aquidaban* no combate de 16 de abril, na qual procura explicar as peripecias daquella acção de uma maneira prolixa e inveridica, quando bastariam algumas palavras para sua completa narração.

Não tendo até agora apparecido outro mais competente para refutar algumas inverdades contidas na referida carta e repellir o ridiculo que seu auctor tenta atirar sobre os que serviram na esquadra legal, passo a fazel-o, pois só assim ficará a historia habilitada a julgar em ultima instancia.

1. Transcriptos integraes d'*O Paiz*, onde foram successivamente publicados.

desobrigando-me eu ainda uma vez do compromisso que commigo tomei de não consentir sem protesto que se deturpem os acontecimentos daquella época, quer para enaltecer em demasia os que cumpriram com o seu dever, collocando-se ao lado da lei e da auctoridade, quer para injustamente deprimir os que se transviaram movidos por um pernicioso e incomprehensivel espirito de classe, e que como o Sr. Alexandrino enchem as columnas dos seus escriptos com imprecações de horror pelo sangue derramado, como se não fossem elles os unicos responsaveis por isso.

Antes de encetar o assumpto desta réplica devo declarar que sempre fiz justiça, quando tive occasião de me externar sobre taes acontecimentos, á bravura do Sr. Alexandrino e dos seus companheiros, lastimando sómente, por honra da marinha brazileira, que nesse exemplo honroso não tivessem sido imitados pelos que fugiram para os navios portuguezes, abandonando os heroicos defensores de Willegaignon, e pelos da expedição do Sr. Custodio de Mello, que com 2,200 homens de desembarque não conseguiu tomar a cidade do Rio Grande guarnecida apenas por 800, e fugiu apavorado pela perspectiva da chegada da esquadra que hoje o Sr. Alexandrino tenta ridicularisar.

Não é necessario ser um prodigio como tactico para conhecer e executar aquillo que fez o almirante Gonçalves ao chegar a Santa Catharina. Qualquer outro chefe teria feito a mesma coisa pelo simples facto de não haver outra coisa a fazer.

Tratava-se de um navio couraçado que se achava dentro do porto de Santa Catharina, quasi impossibilitado de andar, porém disposto a resistir, e de uma esquadra que saira do mesmo porto levando fortes contigentes de tropa para tomar a cidade do Rio Grande do Sul.

A esquadra atacante compunha-se de uma divisão de torpedeiras e de duas divisões de navios de differentes typos e onde as munições eram escassas.

Qual o escopo do almirante Gonçalves?

Destruir materialmente o *Aquidaban* ou pelo menos inutilisal-o para o serviço; impedir que a esquadra do Sr. Mello voltando do Rio Grande, entrasse de novo no porto de Santa Catharina, e se incorporasse ao *Aquidaban*. Para levar a effeito este plano, que occorreria ao menos perspicaz, não tinha outra coisa a fazer o almirante Gonçalves, senão atacar o *Aquidaban* com a divisão de torpedeiras, e reservar as outras duas divisões, que se compunham mais ou menos de navios nas condições daquelles de que dispunha o Sr. Mello, para resistir a este, caso tentasse forçar de novo o porto de Santa Catharina.

Foi o que se fez. Ficam, pois, perdidas por inopportunas as ironias do Sr. Alexandrino sobre o merito como tactico do almirante Gonçalves.

O combate foi retardado de quasi dois dias pelos motivos que passo a expôr : Como commandante do *Nitheroy* que, como se sabe, dispunha do canhão pneumatico, arma ainda pouco conhecida, fui designado para avançar com a divisão de torpedeiras afim de utilisar os tiros do canhão antes de recorrer-se ás torpedeiras, que só deveriam atacar caso falhassem aquelles; infelizmente, porém, na tarde de 14 de abril, quando se tratava de carregar o mesmo canhão, pois nessa noite deveria ter logar o combate, partiu-se uma pequena peça essencial ao funccionamento do apparelho de culatra, por descuido do homem que se achava na alavanca de disparo, declarando os machinistas mandados para proceder á fabricação de outra peça, que só poderiam apromptal-a e remontar o apparelho de culatra dentro de 2 ou 3 dias.

A' vista disso, resolveu o almirante atacar com as torpedeiras sómente, passando o *Nitheroy* para uma das divisões encarregadas de bombardear os fortes.

Sem querer chamar meritos para mim, insisti com o almirante para atacar o *Aquidaban* com os torpedos de que dispunha

o meu navio — 4 tubos todos carregados e funccionando perfeitamente — dizendo ainda que me atrevia a levar o ataque de dia, pois ser-me-hia mais facil manobrar o meu navio, e que, caso não dessem resultado os torpedos, usaria da mesma manobra de que fez emprego o immortal Barroso com o *Amazonas*. Fazia essas propostas convencido, pois nas condições em que se achava o *Aquidaban* não seria difficil mettel-o a pique com um choque da prôa do *Nitheroy*, navio novo e solidissimo, e não velho e inutil, como ha dias o affirmou uma « varia » do *Jornal do Commercio*, e que dispunha na occasião de uma velocidade superior a 12 milhas. E' possivel que com o choque elle tambem ficasse damnificado, mas teriamos, conseguido o resultado almejado. O almirante Gonçalves não attendeu ás minhas instancias, receiando a linha de torpedos, que se dizia existir na barra, e na qual disse-lhe não acreditar, attento ás difficuldades com que se luctaria em tempos normaes para estabelecer tal linha, e aos recursos de que dispunham os revoltosos. A narração do Sr. Alexandrino veiu confirmar nesse ponto as minhas previsões.

Foi, pois, levado a effeito o ataque como acima disse: as torpedeiras penetraram no porto e foram surprehender o *Aquidaban* no seu ancoradouro em frente ás Caeiras, e a esquadra formou n'um semicirculo, ficando as extremidades do mesmo com o *Nitheroy* em frente á Ponta Grossa e o *Itaipú* em frente ao Anhato Mirim: o *Andrade*, navio capitanea, na corda do semi-circulo, e a meia milha mais ou menos das referidas posições.

Depois de uma hora mais ou menos de fogo, vendo que os fortes referidos não davam signal de si, mandou o almirante Gonçalves cessar o fogo e esperar pelas torpedeiras.

Pela simples inspecção de um mappa do porto verão os leitores que a esquadra não ficou a 10 milhas como disse o Sr. Alexandrino, e se S. S. não ouviu os tiros é porque elles eramde pequeno calibre, pois na esquadra legal não havia fortes

calibres, e porque, como diz S. S., estava com o seu navio filado á vasante e tambem ao vento que soprava naquella occasião na direcção em que nos achavamos, o que o impedia de ouvil os; não nos acontecendo o mesmo, pois não só vimos como ouvimos perfeitamente o fogo terrivel que fizeram de bordo contra as torpedeiras.

Ninguem tentou jámais negar que tivesse cabido ao commandante Altino a gloria de ter inutilisado o *Aquidaban*; mas é menos exacto, como S. S. diz, que as outras torpedeiras tivessem fugido, deixando de secundar o seu bravo companheiro. Das torpedeiras que tomaram parte no ataque ao *Aquidaban* só uma deixou de disparar os seus torpedos, por causa de avaria na machina; todas as outras o fizeram, sendo porém a *Gustavo Sampaio* a que ao segundo disparo logrou attingir o navio. A escuridão da noite, que era realmente grande, foi bastante para fazer S. S. confundir o *Itapemirim* com uma torpedeira, apezar do aviso em contrario de um de seus officiaes, e não foi entretanto sufficiente para S. S. asseverar que vira fugir as torpedeiras sem procurar auxiliar o commandante Altino.

Ridicularisa o Sr. Alexandrino a esquadra do almirante Gonçalves, por não ter esperado o *Aquidaban*, que diz elle, ter avançado em perseguição da esquadra, mas que ficou realmente para dentro de Santa Cruz, onde o fomos encontrar. Pergunto: Obtido o seu disideratum, que era a inutilisação do *Aquidaban* que gloria adviria ao almirante Gonçalves em empenhar uma lucta com a guarnição daquelle couraçado, que, estou certo, resistiria até o fim?

Para que semelhante hecatombe? Cabe no bom senso de alguem que aquelle almirante, de cuja bravura não é licito duvidar, fugisse de uma guarnição que poderia ser completamente esmagada e reduzida a impotencia pela de seis navios todos com fortes destacamentos de infanteria? Para que o sacrificio inutil de mais algumas vidas? Propositalmente

deixamos que o *Aquidaban* fosse abandonado pela sua guarnição; e entretanto, talvez tivesse sido melhor outro alvitre, aquelle que o Sr. Alexandrino diz não termos tomado por medo, pois assim estariamos livres da pecha de assassinos dos irmãos Carvalho, que nunca vimos durante a nossa permanencia em Santa Catharina. São variações sobre o mesmo thema. Hontem por um Cincinato Quebra-Louça qualquer com assento no senado, hoje pelo Sr. Alexandrino, amanhã por um outro despeitado qualquer.

Não admira que o Sr. Alexandrino nos chame de sinistros assassinos quando mimoseia na sua carta os seus dignos correligionarios com epitheto de traidores.

Nos arroubos da sua fantasia, critica o Sr. Alexandrino o facto de ter sido o ataque levado a effeito de noite, quando diz que o *Aquidaban* com a garra mergulhada, e as helices trabalhando fóra d'agua, ainda seguiu em perseguição dos que o haviam ferido *á sombra da noite* e agora em corrida vertiginosa se escapavam. Critica de tal ordem feita por um official de marinha é tão estupenda que não merece commentarios: convindo ainda ractificar que o *Aquidaban* jámais mostrou as helices mesmo mergulhado como se achava da prôa.

Se algum dia o Sr. Alexandrino commandar esquadra, o que não será para estranhar, em alguma acção naval nas condições daquella de que tratamos, mande as suas torpedeiras atacar os navios inimigos dentro de algum porto á luz meridiana.

Termina o Sr. Alexandrino a sua carta por uma das taes famosas imprecações de dor, tão communs na boca dos pretensos salvadores da liberdade da Patria: *Oh! imagem santa da Republica, quantos crimes, quanta profanação commettida á tua sombra; nascestes entre flores e estão te afogando em sangue!* Termino eu perguntando: de quem a culpa?

Dos que se conservaram ao lado da autoridade e da lei, que tudo fizeram e sacrificaram para poupar tropeços á Republica.

ou dos que a pretexto de um falso espirito de classes rebelaram-se contra ella?

Respondam os insuspeitos, os que não procuraram na perturbação das aguas pescar vantagens para resarcir prejuizos da jogatina da Bolsa. Rio, 17 de julho de 1895 — *Alexandre Baptista Franco.*

SEGUNDA CARTA

Com um criterio admiravel a Historia estuda os acontecimentos mais ou menos dignos de nota, fazendo-os passar pelo cadinho das suas apreciações mais severas.

A revolta de navios da esquadra em setembro de 1893 e todos os factos a ella concernentes hão de soffrer pois, a critica austera da geração que vier.

E será tanto mais proximo quanto mais rapido cessarem os resentimentos dos que se não querem conformar com o facto consummado, para o qual foram os unicos a concorrer.

E é por isto que os officiaes da armada que defenderam a Republica aguardam serenos e confiantes a apreciação de sua conducta, quer nos mais simples detalhes, quer desligando-se abertamente dos que mal inspirados pelo espirito faccioso pretenderam impor-se á vontade soberana da Nação.

A Historia ha de apreciar os episodios á luz de documentos e estes para o nosso caso são de preferencia as ordens do dia, quer governistas, quer revolucionarias, as partes dos commandantes e as informações e commentarios de quem directa ou indirectamente figurou.

Com o criterio que ninguem lhe contesta, ella isola a apreciação insultuosa da apreciação severa, ella descobre o

movimento vaidoso que faz apresentar-se como valente quem se arreceiou de combater, e a timidez e a modestia dos que cumpriram sem esforço o seu dever.

Ella estuda o meio em que os acontecimentos se produzem sem que possa influir-lhe os despeitos inconfessaveis de uns e os interesses de outros.

Escrevendo hoje não procuramos discussões. Velamos sim pela nossa dignidade, que é a dignidade da marinha, que é a dignidade da Nação, e para isto nunca regatearemos sacrificios, nem deixaremos de fornecer ao futuro com a maior isenção de espirito os detalhes da nossa conducta para serem devidamente apreciados.

A carta do commandante do ex-*Aquidaban* no combate de 16 de abril é um acervo de injurias assacadas contra nós e somos sinceros declarando o nosso profundo pezar por tão insultuosos conceitos partirem de quem só havia merecido bôas referencias da nossa parte por haver aceitado o combate, que foi a sagração da nossa lealdade á instituição republicana.

E porque ella pertença ao archivo, que mais tarde fornecerá elementos para apreciar com calma e alheio á parcialidade do momento os episodios da revolta, offerecemos desde já este ligeiro protesto, aguardando que outros o façam em melhores condições pela circumstancia de haverem tomado parte no combate, de que fui privado por ter ficado na defesa movel d'este porto.

Nós não fomos declarados *heróes*, porque só a Historia tem competencia para fazel-o; mas desde já offerecemos este ligeiro protesto aos que sonham inverter os papeis, fazendo dos defensores da Republica criminosos e especuladores communs.

Auguramos que em pouco tempo a Historia ha de proclamar que os officiaes da armada que defenderam a Republica, cumpriram o seu dever e foram correctos:

« Saparando-se abertamente de seus amigos e collegas e n'um meio agitado pelos inimigos que em toda a parte faziam propaganda contra nós ».

« Arcando serenamente com os apodos e injurias com que se apressavam a julgar-nos, principalmente os revolucionarios platonicos ».

« Aceitando o combate onde foi possivel encontrar os inimigos, apezar de constituirmos uma esquadra que os adversarios reputavam de *papelão* ».

« Tripulando e dirigindo os navios da esquadra para leval-os ao combate, em que se salvou a honra da marinha ».

Negal-o é pretender escurecer os factos que mais alto falam em favor da nossa marinha de guerra nesta phase em que se consolida a Republica em nossa Patria.

Nós somos sinceros declarando que a resistencia feitá pelo *Aquidaban* á esquadra, que se lhe afigurava interminavel pesadello, honra á esquadra revoltosa e constituirá em todo o tempo a unica pagina correcta da revolução aniquilada.

Nós não tivemos recompensas extraordinarias.

Fomos promovidos em uma promoção e ganhamos os vencimentos de campanha, porque em campanha estivemos.

Nas luctas civis como nas luctas internacionaes, quem triumpha, obedecendo ao enthusiasmo do momento, galardôa extraordinariamente os que estiveram na brecha, batendo-se pela victoria da causa que defendiam.

Nas commoções chilenas e argentinas os officiaes que a começaram n'um posto alcançaram promoções em dois e tres.

Entre nós não foi assim. Fomos todos promovidos em uma unica promoção e quatro mezes depois do desenlace da lucta.

E no entanto bastaria a execução da lei para as coisas se passarem de outro modo.

Vejamos. Dada a revolta foram considerados desertores todos que não compareceram aos editaes. Por lei o official que deserta abre vaga, que deve ser immediatamente preenchida.

E por quem havia de fazel-o o governo senão fatalmente, inevitavelmente por aquelles que se achavam na brecha e soffrendo os apodos dos irreconciliaveis inimigos?

E no entanto nem sequer recriminamos, porque, embora alcançada honestamente e á custa de inenarraveis sacrificios, ella nos recorda sempre o quanto soffreu a nossa Patria e os desastres dos nossos antigos companheiros.

Deixo a outros o restabelecimento dos factos. Testemunhas oculares e contendores tambem elles podem e devem restabelecer a verdade.

O criterio da Historia então apreciará devidamente e julgará com justiça, em que presentemente confiamos. Entretanto vou desde já rebater dous simples pontos.

A esquadra do governo não podia offerecer combate singular a um couraçado, pois ella compunha-se sómente de cruzadores de pouca marcha, de paquetes armados e de marcha média, e de torpedeiras recentemente adquiridas e trabalhando mal. Pretender fazel-o á luz meridiana seria falsear os principios comesinhos da tactica naval e accessivel aos espiritos profanos comtanto que sejam um pouco esclarecidos.

Assim a tactica adoptada foi a unica que se poderia aceitar.

Com os navios distrahir a attenção do couraçado e sua defesa, ao mesmo tempo que as torpedeiras avançavam para effectuarem uma surpresa, unica condição em que ellas devem combater.

Não ha necessidade de deslustrar a historia do combate, em que esteve em jogo a honra nacional.

Aos que se bateram, aos que cumpriram o seu dever, não faz sombra a conducta correcta de adversarios leaes, e por isto é odioso realçar os proprios meritos, sacrificando o esforço dos demais.

A outra parte qua convém contestar desde já é a que se refere ao meu particular amigo capitão-tenente Altino Correia, cujos meritos incontestaveis ora realçam ora diminuem

sómente para desprestigiar os outros commandantes que com elle disputaram as honras da jornada.

E porque não seja de hoje esta minha maneira de pensar, eu transcrevo para aqui o trecho de um pequeno estudo sobre o combate do ex-*Aquidaban*, que deve ser em breve publicado.

« Sem de fórma alguma querer obscurecer a justa homenagem que prestam ao 1º tenente Altino Correia (hoje capitão-tenente), meu particular amigo, e á qual me associo de todo o coração é preciso que se observe que n'um combate de torpedeiras o merito não consiste sómente em ferir o adversario, mas tambem em dirigir as velozes embarcações sem que ellas se transformem em uma ameaça para os proprios companheiros.

Ha perigo em mover-se e em pairar.

Ha perigo em andar a toda força ou devagar e atravez a escuridão da noite, ao sibilar das balas, a anciedade geral é preciso que domine a figura calma do commandante sem açodamento, sem precipitação, sofreando os irrequietos e animando pelo exemplo as energias adormecidas. »

Capital Federal, 17 de julho de 1895 7º da Republica. — O capitão-tenente, *João A. dos Santos Porto* — Rua Alice n. 2. »

TERCEIRA CARTA

« Meu caro amigo Jovino Ayres. — Julgo-me tambem na obrigação de solicitar de sua proverbial bondade a publicação d'estas linhas, dictadas pela necessidade imperiosa de refutar alguns pontos inveridicos da descripção adrede preparada do combate travado entre os navios da esquadra legal e o então

couraçado *Aquidaban*, navio revoltoso e ao serviço dos *patrioticos defensores das liberdades patrias*, no memoravel dia 16 de abril de 94, e ultimamente publicada no *Jornal do Commercio*, a pedido de seu autor o Sr. Alexandrino de Alencar, commandante então d'aquelle couraçado.

Como tivesse tomado parte muito activa em tal feito, muito propositalmente me tinha abstido de nelle falar para que assim não provocasse contra mim o qualificativo de suspeito ou parcial, mantendo-me, porém, na espectativa e sempre prompto a correr em defesa da verdade, que certamente seria mais cedo ou mais tarde calcada por sentimentos menos dignos.

Agora, por tanto, que o Sr. Alexandrino entendeu vir a publico, e a seu bel-prazer contar as peripecias de semelhante acção, cumpro o que me havia imposto e, sahindo de meu premeditado silencio, publicamente venho desfazer auxiliado pela verdade, a impressão desfavoravel que o mesmo senhor julgou atirar com sua carta contra a esquadra legal.

Diz o Sr. Alexandrino que a esquadra collocou-se a umas *dez milhas* dos pontos que pretendia bater. Até admiro-me como um profissional avança tal asserção. Acreditem todos que o Sr. Alexandrino, assim procedendo, falta em absoluto á verdade, porque os navios que mais afastados se achavam das fortalezas de Santa Cruz e Ponta Grossa, não estavam a dous mil metros dos referidos pontos, sendo que, como testemunho do que venho de asseverar, eu chamo as opiniões insuspeitas de todo o pessoal do nosso exercito que se achava embarcado nos cruzadores e mais navios da esquadra, principalmente d'aquelle embarcado nos cruzadores *Nitheroy*, *Santos*, *Itaipú*, e *Andrada*, que encarregados de bater os fortes já citados, occuparam logares tão avançados que acredito até não distarem delles mais de mil metros.

Além disto, não posso atinar como o Sr. Alexandrino póde avaliar tal distancia em uma noite escura e sem que pudesse,

eu o garanto por ter me achado no logar, da toca, que premeditadamente escolhera para nella se acastellar com seu navio, ver as posições tomadas pelos navios da esquadra a não ser a do cruzador *Nitheroy* que, sendo encarregado de bombardeiar o forte da Ponta Grossa, tomou posição muito aberta ás suas vistas.

E' palpavel a sua má fé! A escuridão da noite fez-lhe tomar uma torpedeira, que se achava então a uns 400 metros, por um vapor — o *Itapemerim*, e a mesma favoreceu-lhe para poder avaliar uma distancia que não tinha ponto de relação e era maior de 2.000 metros!... distancia esta que em relação aos fortes se tornava muito menor, pontos estes que unicamente eram visados pelos cruzadores, porque estava determinado que sómente as pequeninas torpedeiras teriam mais tarde que visitar o *leão de aço*.

Quer o Sr. Alexandrino *innocentemente* fazer crer ao publico que o facto de sua derrota foi em parte devido a não terem os pontos destinados á transmissão dos signaes cumprido seu dever, permittindo assim que a divisão de torpedeiras impunemente transpuzesse o canal, e fosse, pelo facto de ter sido avistada de bordo de seu navio, na direcção da cidade do Desterro, erradamente tomada a testa da mesma divisão pelo vapor *Itapemerim*. Que santa ingenuidade e que grande somma de má fé!... Fique o publico sabendo que durante os dias e noites que antecederam ao ataque final e mesmo durante a noite deste, nenhuma embarcação por menor que fosse se mechia na enseada das Tijucas que immediatamente o ponto do Rapa e os demais successivamente deixassem de transmittir os signaes convencionados, serviço este tão bem feito, seja dito aqui entre parenthesis, que até de todos nós merecia sinceros elogios.

Lembro-me até o facto de havermos presenciado de bordo de todas as torpedeiras, quando no dia anterior tentamos investir contra o *Aquidaban*, o vigia postado na Ponta Grossa, segurando o tubo de signal encarnado que queimava, quando

della nos aproximámos, signal este que vimos ser reconhecido pelo ponto da ilha dos Ratones Grandes.

E' bom que se saiba finalmente que se taes pontos deixaram de transmitir os ultimos signaes feitos, foi tão sómente, não por traição, como suppõe injustamente o Sr. Alexandrino, porém sim e unicamente porque, vivamente batidos durante quasi duas horas pelos tiros certeiros dos cruzadores, acharam de melhor proceder abandonar taes posições, privando lhe assim do aviso que esperava lhe fosse dado ao transpor a divisão o referido canal.

Bem acertados andamos, pois, todos nós commandantes, ponderando ao Sr. almirante na tarde de 15 a necessidade de batel-os em taes pontos, antes da investida das torpedeiras.

Um outro ponto que muito necessita de um solemne protesto é o em que o Sr. Alexandrino diz terem os navios da esquadra fugido espavoridos, a ponto de perderem-se no horizonte, quando S. S. *chegara a meio do canal* com o seu *leão de aço* já ferido e com as helices trabalhando fóra d'agua!

Até parece incrivel que o despeito fizesse com que um profissional escrevesse tal inverdade e quem o fôr sabe perfeitamente que do canal existente entre a Ponta Grossa e a ilha de Anhato Mirim, logar a que diz ter chegado o Sr. Alexandrino, e a enseada de Tijucas para onde recolheu se a esquadra, já dia claro, não ha, mathematicamente medida, distancia capaz para que um navio perca outro de vista, ainda mesmo por menores que sejam. Por ahi bem póde avaliar o publico o quanto é verdadeiro o mesmo senhor quando pretende fazer crer aos leigos que os navios da esquadra legal *fugiram espavoridos a ponto de se perderem de vista.*

E como refutação irrecusavel a esta parte inveridica de sua narração, vem muito ao caso lembrar que, já dia claro, o Sr. almirante Gonçalves, não se arreceiando da fantastica apparição, teve que ir, no que foi acompanhado pelo *Itaipú*, ao encontro da torpedeira *Pedro Ivo*, que em cumprimento á

ordem, que havia recebido horas antes, de occupar logar avançado da esquadra e por curiosidade, ou *medo* segundo o Sr. Alexandrino, permanecia quasi que na linha de Santa Cruz e Ponta Grossa, sem se apavorar do *leão de aço*, que acredito tambem não ter sido visto de bordo daquella fragil embarcação.

Em um outro topico da sua narração diz o Sr. Alexandrino que, ao terem os vigias assignalado torpedeiras, o mesmo senhor ordenara immediatamente - Fogo; pontarias certeiras e calma... *machina adiante e largar amarração*. Ha de me permittir ainda o mesmo senhor que proteste solemnemente contra tal asseveração, por quanto é inteiramente inexacto ter o seu navio durante o tempo que durou a acção se mexido como quer fazer crer pela sua descripção.

E nem se creia tambem que tudo se passou com a *rapidez quasi igual a dos relampagos das descargas das metralhadoras*, como diz o mesmo senhor, porque se assim fosse não só não nos teria sobrado o tempo preciso para depois de parados lançarmos nossos torpedos, como tambem o proprio commandante da *Gustavo Sampaio* não teria a opportunidade de, tendo sido infeliz o seu primeiro disparo, procurar nova posição; creio até que pelo bordo opposto a seu primeiro ataque.

Confesse o Sr. Alexandrino o facto de haver recebido o ataque perfeitamente fundeado e acredito que d'ahi não lhe virá dezar algum, porque todos estão compenetrados de sua valentia.

Permitta-me ainda o mesmo senhor que em abono á verdade eu declare ser mais inexacta a sua affirmação relativa ás posições em que diz terem sido *avistadas* as torpedeiras.

Quando foi avistada a testa da divisão, navegavamos em linha de fila e assim investimos até bem proximo a seu navio, quando então se tornou necessario manobrar cada uma livremente, de accôrdo com seus respectivos planos de ataque.

Esta é que é verdade que não merece contestação alguma.

E' falso tambem, segundo assevera o mesmo senhor, que de bordo da corveta allemã *Ancóna* tivesse ido alguem com

o fim de prevenir o Sr. almirante achar-se o *Aquidaban* e fortalezas abandonados.

O que se passou foi muito differente : é bom, pois, que eu o relate, afim de que o mesmo senhor não disvirtue os factos. Ao meio dia de 17 de abril suspenderam os navios da esquadra da enseada das Tijucas com destino á praia das Cannas na ilha de Santa Catharina e ali chegados, como é de *direito*, o navio allemão já referido, e que ali se achava já fundeado, mandou fazer a visita official ao mesmo almirante. Naturalmente versando a conversação sobre os acontecimentos da madrugada anterior, teve occasião então de saber o Sr. Almirante achar-se o navio abandonado, do que não era sabedor, apezar da certeza absoluta em que estava desde o dia anterior de achar-se bem ferido pelo torpedo o navio revoltoso.

D'ahi para o que assevera o Sr. Alexandrino ha muita differença.

Um outro ponto muito interessante de sua narração, é o que se refere á sua pequenina munição de carvão.

Que falem todos aquelles que depois se estafaram para descarregar toneladas e toneladas deste material retirado até do compartimento do plano inclinado, e que, apezar disto, ainda ficaram milhares e milhares de kilos a ponto de fazer-se a viagem de Santa Catharina ao Rio e se ter gasto, ainda quando em preparativos naquelle Estado, de mil a dois mil kilos diarios, e isto quasi durante dois mezes.

Devo ainda responder antes de finalizar a uma pergunta feita pelo mesmo Sr. Alexandrino, quando, depois de pintar a seu modo as circumstancias precarias em que se encontrava, diz : Como, pois, nestas condições poderia eu fazer escaramuças a uma esquadra de que o navio que menos andava possuia a velocidade de 15 milhas? — dizendo-lhe muito naturalmente que da mesma maneira que pretendia fazel-as se porventura a esquadra legal se dirigisse para o Rio Grande do Sul.

Devo, terminar, porque além de me ter tornado fatigante, acredito que mais alguns de meus camaradas correrão em defesa da verdade, destruindo as informações inveridicas que se encontram na carta do Sr. Alexandrino; antes, porém, devo fazer uma pequenina observação, que mais directamente a mim diz respeito.

Fui qualificado de fujão pelo Sr. Alexandrino. Sem que de leve me queira justificar ante sua personalidade, porque pouco se me dá o juizo que de mim possa fazer um revoltoso, perante o publico sensato digo que, ante a opinião que a respeito de meu procedimento durante a acção fazem não só meus commandados como tambem meus companheiros de divisão, fico tranquillo de haver sabido cumprir com meu dever e quando mais não fosse, appellaria para meu distincto camarada e amigo capitão-tenente Altino, incontestavelmente o bravo da jornada; acredito que elle, longe de corroborar a opinião do Sr. Alexandrino, diria que sómente arredei-me do campo da acção depois de haver lançado sobre o inimigo os dois torpedos unicos de que dispunha para oppor ao *leão de aço;* procurando então sómente livrar, com a rapida retirada não só o navio como as vidas que tinha que velar, de um fim desastroso e certo, se tão bravo como o mesmo Sr. Alexandrino tentasse calar, só com a presença da fragil embarcação que commandava, os fogos ininterruptos não só do *Aquidaban* como tambem das fortalezas. S. S., quando as commandar, que tenha a innocencia de suppor que sómente com sua presença póde vencer o inimigo.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1895 — *Amynthas José Jorge*, capitão-tenente. »

QUARTA CARTA

«Sr. redactor — Bem que alheio á marinha sou levado por preoccupações patrioticas a dirigir-vos algumas considerações a proposito da carta do Sr. ex-capitão de fragata Alexandrino, ás quaes, espero, não negareis a hospitalidade em vossas columnas, o que de antemão agradeço-vos.

Antes de tudo faz-se necessario assignalar a importancia do apparecimento desse documento, verdadeira rôlha que veiu tapar definitivamente a bocca aos maragatos platonicos, que disseram haver sido o *Aquidaban* atacado quando já sua guarnição o havia abandonado. Mais uma vez verificou-se a justeza do anexim: *Ha males que vem para bem.*

E' o ex-commandante derrotado daquelle navio que vem descrever as peripecias do combate, que foi forçado a aceitar, por ter sido encontrado em logar e em condições que não permittiam-lhe o recurso da fuga.

De toda a carta do ex-commandante revoltoso transpira claramente o amor a sua pessoa e a vaidade que revela, procurando incutir no espirito do publico que portou-se com coragem fóra do commum. Vamos provar o contrario, isto é, que o Sr. Alexandrino apenas fez o que não podia deixar de fazer, dada a posição em que se collocou.

O vencido de 16 de abril deixa-se cegar pela sua autolatria e entre falsidades e fanfarronadas elogia-se ao mesmo tempo que malevolamente accusa aos marinheiros republicanos.

Apanhado no logar onde veiu a dar-se o combate, sendo impossivel fugir pelo porto da cidade do Desterro, hoje Florianopolis, por ser o Aquidaban de grande calado, incapacitado por outro lado de fugir pelo norte, porque ahi estava a esquadra do marechal de aço a embargar-lhe a passagem, o

ir a pique? Pois é admissivel que a esquadra, a mando do imperterrito Gonçalves, que atacou o *Aquidaban* no seu esconderijo, se negasse a aceitar depois combate, ella que saira do Rio não para bater o *Aquidaban* mas para batel-o e á esquadra revoltosa?

Não, mil vezes não. O ex-capitão de fragata Alexandrino saiu, o que ninguem esperava, um segundo barão de Munckausen, inventor de carapetões.

Tendo mostrado que o Sr. Alexandrino não revelou coragem excepcional e que apenas fez o que faria qualquer outro mediocre, perguntamos: Vencido o *Aquidaban*, não tinha elle recurso de em terra organizar resistencia? Que fez elle no entanto? Nem ao menos effectuou uma retirada em regra, visto como fugiu, como elle proprio descreve, andando na disparada 4 leguas a pé durante a noite, fingindo-se depois engenheiro para comprar burros e cavallos, etc., isto depois de abandonar seus marinheiros, apezar de em um topico de sua carta dizer que resolvera abandonar o navio para evitar que a guarnição caisse prisioneira de guerra. A verdade é que elles e seus auxiliares mais proximos rasparam se, deixando a tripulação exposta ao que desse e viesse.

Passamos agora a apreciar o ataque das torpedeiras.

O Sr. Alexandrino accusa a esquadra de tel-o atacado «á sombra da noite», o que indica má fé de sua parte, porque só por má fé pode assim exprimir-se, já não digo um marinheiro, mas um qualquer individuo, a par das coisas modernas, em relação a torpedeira, navio de grande poder offensivo, mas sem qualidades defensivas, o que o torna improprio para um ataque ás claras. Note-se entretanto que, como já dissemos e não nos cansaremos de repetir, porque isto augmenta a gloria dos officiaes republicanos, o ataque das torpedeiras não foi uma surpreza para o *Aquidaban*, que esperava-os como o seu ex commandante não occulta. A divisão de torpedeiras só devia e só podia atacar o *Aquidaban* como atacou.

A ninguem é licito chamar de covarde á tripulação desses barcos, porque só muito enthusiasmo, só muita dedicação por uma causa permittem que se exponha a vida em tão frageis embarcações, ás quaes um só projectil bem applicado põe facilmente fóra de combate.

A difficuldade (e ahi está a garantia das torpedeiras) está em applicar bem esse ou esses projectis.

Comparadas, pois, as posições respectivas dos tripolantes das torpedeiras e das do couraçado, fundeado em pouca agua, sem, portanto, poder em caso algum ir a pique, ninguem de boa fé poderá julgar mais corajoso o proceder dos revoltosos no combate de 16 de abril.

Vejamos se o ataque foi feito ou não do modo mais pratico.

As torpedeiras seguiram em *linha de fila* com a *Gustavo Sampaio* á frente.

Foi esta a primeira a atacar e teve o seu commandante a gloria de attingir o inimigo com o seu segundo torpedo; a *Pedro Affonso* atirou dois torpedos sem resultado; a *Silvado* perdeu por duas vezes a opportunidade de disparar por causa das manobras das duas outras torpedeiras.

O commandante desta ultima teve bastante calma para não disparar o seu torpedo que, ou seria perdido, ou poderia metter a pique uma das outras torpedeiras. Eis ahi um caso que mostra ser muitas vezes preferivel em combate deixar de atirar do que atirar sem criterio.

Onde houve a covardia dos commandantes da *Pedro Affonso* e da *Silvado*, embarcações que, apezar de pequenas, pintadas de cinzento e apezar ainda da escuridão da noite, foram vistas de bordo do *Aquidaban*, o que indica terem ellas chegado muito proximo? A torpedeira *Silvado* demorou-se tanto no campo da acção que sua ausencia causou apprehensões aos da esquadra legal, especialmente a bordo do *Itaipú*, navio encarregado de auxiliar as torpedeiras em caso de perigo.

Pois então quem foge, é o ultimo a sair do terreno da lucta?

No meio de toda a malevolencia do Sr. Alexandrino surge inesperadamente o facto singular do elogio ao bravo commandante Altino, da *Gustavo Sampaio*, que teve a felicidade de atacar efficazmente o couraçado. O elogio é mais do que merecido, porque é real o merito desse official republicano, do qual nos prezamos de ser amigo e confrade; mas estamos convictos de que é feito o elogio apenas para que o publico acredite na imparcialidade do escriptor da carta, tão decantada pelos inimigos da Republica, e quiçá para ver se é possivel uma divergencia entre os marinheiros genuinamente republicanos.

O Sr. Alexandrino perde o seu tempo.

Se agora compararmos o combate das torpedeiras brazileiras em Anhatomirim com o das chilenas em Caldera, veremos que os commandantes chilenos atacaram em condições de manobra mais facil, ao despontar da aurora, com surpreza completa por parte do *Blanco Encalada*, que só presentiu o ataque depois que a torpedeira da vanguarda *Almirante Condell* sob o commando de Moraga, havia já disparado dois torpedos, que foram perdidos, assim como o terceiro da mesma torpedeira ou melhor caça-torpedeira; accrescendo a circumstancia de estar o *Blanco* com os fogos apagados.

Ainda sob este ponto de vista os nossos officiaes luctaram em condições peiores, por não ter havido surpreza ao pé da lettra.

Em geral nos combates simulados conveneiona-se que a torpedeira ao ser vista pelo couraçado, é a torpedeira que deve renovar o ataque, se depois lhe for isto possivel. Pois bem; no combate de Anhatomirim, as torpedeiras foram presentidas pelo couraçado revoltoso, que, atirando, descobriu-se, e entretanto os commandantes das torpedeiras não trepidaram, dirigiram-se para o ponto de onde partiam os fogos e trataram de pôr fóra de combate o monstro marinho, que vomitava fogo e balas.

tendo de servir sob as ordens de *camaradas* que de facto foram e são seus inimigos.

Oxalá não venham a dar-se a bordo dos nossos navios scenas de indisciplina por parte dos taes marinheiros indultados a 1 de janeiro, os quaes por certo olham com rancor para os officiaes que não embarcaram nos navios piratas da esquadra que pretendeu ser libertadora e que apenas foi metralhadora de uma população infeliz, que a esta hora estaria dominada pelas ambiciosas victimas da Bolsa se não fosse a firmeza do nosso marechal.

Desilludam-se, porém, os inimigos da Republica, porque nós estamos alerta e promptos a agir como fizemos a 6 de setembro, para repellirmos os barbaros que tentarem destruir a obra de Benjamin Constant, que foi com tanta coragem defendida pelo seu continuador, o nunca assaz lembrado Floriano. Estamos servindo de alvo a motejos e insultos, apezar de termos sido os vencedores de 13 de março e 16 de abril; mas isto não diminue nosso republicanismo, que, ao contrario, augmenta, avigora-se diante das desillusões, das perseguições e dos ataques dos reaccionarios de todos os jaezes, que com suas manifestações odientas só conseguem provar que temem os soldados do marechal de aço, os que com elle defenderam a obra patriotica do glorioso Benjamin Constant.

A gloriosa bandeira, que de tantas glorias cobriu-se em Nitheroy, em Anhatomirim e nos pampas do Rio Grande, a mesma que cobriu os despojos de Benjamin e Floriano, não cairá, porque a nosso lado estão sempre as sublimes imagens destes mortos incomparaveis, sob cujo influxo crescerá de mais em mais nosso civismo, ficando assim mais uma vez provada a profunda sentença do maior dos philosophos — o immortal Augusto Comte : OS VIVOS SÃO SEMPRE E CADA VEZ MAIS GOVERNADOS PELOS MORTOS.

Eis ahi, Sr. redactor, as considerações que me occorre fazer sobre a carta do ex-capitão de fragata Alexandrino. Sou-vos

desde já muito agradecido pela hospitalidade que, espero, lhe dareis — Rio, a 5 de Dante de 107 — 20 — 7 95 — *Jaime Silvado*, rua Aurea n. 24.»

QUINTA CARTA

«S. Paulo, 22 de julho de 1895 — Cidadão redactor — De vossa amabilidade espero a publicação das seguintes linhas:

Saio da minha obscuridade com o fim unico de corroborar a resposta dada pelo bravo capitão-tenente Brazilio Silvado a um dos trechos da carta do Sr. Alexandrino de Alencar, commandante do couraçado revoltoso *Aquidaban*, relativamente ao facto de ter esse senhor *attribuido a uma traição das fortalezas Ponta Grossa e Santa Cruz e do posto de signaes da Ponta do Rapa de não terem feito signaes de approximação da esquadra...*

Commandei um contingente do exercito e a artilharia a bordo do vapor de guerra *S. Salvador*, desde 20 de março á 31 de outubro de 1894

Na noite de 15 de abril achava-me na enseiada dos Ganxos (Santa Catharina), quando recebi instrucções do distincto capitão-tenente George Americano Freire, commandante do referido vapor para bombardear a Ponta do Rapa, logo que della nos aproximassemos, afim de impedir a continuação de signaes que d'ahi partiam, o que conseguimos depois de alguns tiros que dei com a artilheria e canhão rewolver de bombordo.

No plano de combate organizado pelo bravo Sr. almirante Gonçalves, e que, segundo creio, acha-se annexo ao relatorio de 1894 do ministerio da marinha, deve constar a posição em que se achavam todos os navios da esquadra na noite de 15 para 16 de abril.

E' natural que os distinctos officiaes de marinha, que tiveram o civismo de salvar a honra de sua classe, sejam atassalhados, por aquelles que, hontem vencidos pelas armas, querem hoje ser vencedores pela calumnia e pela intriga — Saúdo-vos — *Lamaignère Teixeira*, capitão de artilheria.»

SEXTA CARTA

«Cidadão redactor d'*O Paiz* — Não tendo por habito ler diariamente os jornaes, só tarde me foi chamada a attenção para uma carta do ex-capitão de fragata Alexandrino de Alencar, a respeito do ataque ao *Aquidaban*, por occasião do combate de 16 de abril de 1894, carta publicada pelo *Jornal do Commercio* de 16 do corrente.

Antes de fazer as considerações que julgo indispensaveis para demonstrar a inanidade de acervos de fantasias e de apaixonadas apreciações de que se compõe a citada carta, entendo de meu dever não deixar passar sem reparo o offensivo sarcasmo que o orgão official do reaccionarismo multicôr atira sobre a marinha republicana na apresentação que faz ao publico federalista do documento revoltoso.

Mais uma vez o citado orgão pretendeu lançar sobre alguns republicanos a lama que lhe entorpece os movimentos e lhe obscurece desde ha muito as idéas, sem conseguir felizmente o seu *desideratum*.

O que foi o combate de 16 de abril de 1894, nas aguas de Santa Catharina, sabe a massa republicana pelas partes

prestadas pelos diversos commandantes que nelle tomaram parte; o que elle não foi, imaginou em sua carta o Sr. Alexandrino, commandante do *Aquidaban* no dito combate, tentando macular os nomes dos officiaes legalistas, que lhe deram lições de civismo, e mystificar a opinião dos incautos que coisa alguma entendem de marinha.

Seria por demais longo e mesmo desnecessario para o fim que tenho em vista analysar topico por topico a citada carta; por isso, considerarei apenas alguns conceitos principaes, que refutados, mostrarão a inverdade e a incongruencia do seu conjunto.

1° *Attribuir a uma traição das fortalezas da Ponta Grossa e de Santa Cruz e do posto de signaes da ponta do Rapa, o facto de não terem sido feitos os signaes da aproximação da esquadra, permittindo assim o ataque ao Aquidaban.*

A ponta do Rapa fez signaes de cores diversas, logo que a esquada começou a mover-se na noite de 15 para 16 de abril, tendo sido impedida de continuar a fazel-os pelos fogos do *S. Salvador*, que o almirante destacára para este serviço.

A Ponta Grossa e Santa Cruz não puderam fazer signaes por causa do bombardeio da esquadra, ao qual responderam, proceder esse que em tempo de guerra podia ser considerado um ardil para attrair algum navio até a linha de torpedos e ser com segurança mettido a pique.

Deste modo a falta de signaes foi uma consequencia das medidas tomadas pelo almirante e não motivada por outra qualquer razão.

2° *Ter a esquadra legal atacado o Aquidaban a horas mortas da noite, dando a entender haver neste facto uma acção traiçoeira e indigna.*

Custa-se a crer que fosse um official de marinha o autor de semelhante proposição!

Talvez o Sr. Alexandrino quizesse um prévio aviso, como se dava nos exercicios que citou da passada esquadra de evoluções!

[illegible]

[illegible]

[illegible] variada artilheria.

Seriam fantasmas o que seu holophote illuminava?

Porventura seu jacto luminoso alcançaria 10 milhas de distancia, onde disse o Sr. Alexandrino estar a esquadra legal?

Se os navios inimigos estavam a 10 milhas de distancia e fugiam a todo vapor, por que gastou tanta munição em um fogo nutrido e constante até o clarear do dia?

Tudo isto prova que a esquadra legal em logar de ter-se conservado a 10 milhas de distancia, esteve bem perto do *Aquidaban* e conservou suas posições até o amanhecer.

Aproveitando-se do facto de só ter a *Gustavo Sampaio* logrado uma posição vantajosa e de ter attingido o *Aquidaban* com um torpedo, o Sr. Alexandrino violentamente ataca os commandantes das outras torpedeiras e elogia fallazmente o commandante da primeira.

E' verdade que se só a *Gustavo Sampaio* conseguiu ferir o *Aquidaban*, está tambem provado que deste navio houve quem visse as outras duas torpedeirrs — a *Pedro Affonso* e a *Silvado*, o que em noite escura, como foi a do ataque, demonstra á saciedade que ellas não estiveram tão longe como o Sr. Alexandrino perversamente fantasia.

E' incontestavel que ao meu particular amigo e confrade positivista e distincto commandante da *Gustavo Sampaio*, o então 1° tenente Altino Correia, coube a gloria de ter posto o *Aquidaban* fóra de combate: mas é igualmente incontestavel que a *Pedro Affonso* e a *Silvado*, que tambem investiram contra o *Aquidaban*, assim como os navios de toda a esquadra que as protegiam e apoiavam, tambem concorreram efficazmente para a victoria.

Só não veem isto a inveja e a má fé, ambas estimuladas por uma falta inconcebivel de civismo e espirito relativo.

A *Pedro Affonso* atirando dois torpedos que não attingiram o *Aquidaban*, e a *Silvado* não conseguindo lançar efficazmente nenhum pelas circumstancias em que se viu, mas só retirando-se na ultima extremidade, descoberta pelo holophote inimigo e sob vivissimo fogo até de uma das duas fortalezas, se não inutilisaram materialmente o *Aquidaban*, sobresaltaram e perturbaram seu pessoal por tal modo, que em logar de um contra-torpedeira e duas torpedeiras houve quem visse cinco torpedeiras, como se soube depois.

Só os que estão obcecados pelo despeito e unicamente preoccupados de só enaltecerem a si mesmos é que não têm generosidade para reconhecer os serviços alheios e galardoal-os dignamente. A notavel ordem do dia do glorioso almirante republicano, neste sentido, é um primor de elevada e relativa justiça.

O Sr. Alexandrino, despeitadissimo por ter visto os seus *dourados* castellos ruirem por terra com a derrota da injustificavel revolta, despede chispas de odio contra os que tiveram bastante civismo para não acompanhal-o, e elogia o commandante da *Gustavo Sampaio*, mais para offender os outros officiaes legalistas do que para reconhecer o merito daquelle bravo official.

Como prova, assignalamos estas duas perguntas caracteristicas, que o Sr. Alexandrino faz a si proprio:

Teria o commandante da Gustavo Sampaio percebido que seu torpedo attingira o Aquidaban?

Se percebeu, como se explica a fuga de toda a esquadra?

O commandante da *Gustavo Sampaio* sabia que o seu torpedo chocára o *Aquidaban:* o que, porém, não podia avaliar era o destroço causado pela explosão, como ninguem podia fazel-o, maxime fluctuando o navio attingido.

Este facto foi de certo o que determinou o regresso da esquadra a seu ancoradouro para descansar e refazer o ataque, se fosse necessario. Nada sabiamos dos successos do Rio Grande e o almirante esperava a todo o momento a chegada da esquadrilha revoltosa do sul.

Nesta hypothese o *Aquidaban*, encalhado mesmo, defenderia a entrada esplendidamente, fazendo o papel de uma bateria encouraçada e insubmersivel, pois estava em contacto com o fundo.

Tudo me leva a crer que foi o receio de ser attingido por um torpedo em logar profundo, permittindo a submersão completa do navio e suas consequencias desastrosas, o que determinou o Sr. Alexandrino a não atacar a esquadra antes de 16 de abril. De dia, especialmente pela manhã, quando o pessoal da esquadra estava tresnoitado e fatigadissimo, as torpedeiras recebendo carvão ou agua, atracadas aos navios, o *Aquidaban*, que andava 6 milhas, tinha esporão, torpedos, duas helices e jogava com muita artilheria, podia atacar com vantagem a esquadra.

Não o fez pelo motivo que eu conjecturei: receio de ir a pique em logar profundo.

As instrucções que tinha, lhe determinavam seguir a esquadra legal, no caso desta passar para o sul, mas não lhe prohibiam de atacal-a em occasião opportuna estando fundeada. Seus proprios espiões deviam ter-lhe dito que a esquadra legal era composta de paquetes.

Acho por demais engraçada a metamorphose que o Sr. Alexandrino faz da *esquadra de papelão*, que com um piparote se desfazia, em uma esquadra de 12 navios dos quaes o menos veloz andava 15 milhas, etc., e do *Aquidaban*, capaz de arrazar céos e terra, o *Leão de Aço*, em um pontão velho que era mais defendido pelos homens *intemeratos*, *destemidos* e *activos* que o tripolavam, do que por seus varios canhões, suas metralhadoras, etc., quasi tudo inutilisado, segundo as asserções do Sr. Alexandrino.

E dê-se credito a um acervo de flagrantes inverdades e injustiças perversas, como a carta do Sr. Alexandrino, que antes é um solemne attestado de sua deslealdade do que de desprestigio para seus ex-companheiros, que á custa dos maiores sacrificios lhe deram grandes lições de civismo.

Creio ter demostrado á luz da «moral e da razão» a inanidade das asserções inveridicas do Sr. Alexandrino, tendo concorrido com meu fraco auxilio para a salvação da honra republicana, sempre deslealmente atacada.

Elucidado este incidente, que de certo reanimou por momentos a neutralidade suspeita e os revoltosos descrentes, fica mais uma vez demonstrado que a Republica foi feita com flores, por causa da generosidade dos republicanos vencedores e da pusilanimidade dos monarchistas apodrecidos, mas ella será mantida, custe o que custar, pelo devotamento da massa republicana.

E' interessante, Sr. redactor, que os que mais lastimam o derramento de sangue, sejam os que concorreram efficazmente para tal resultado, apoiando o *golpe de bolsa* de 3 de novembro de 1891 e tomando parte na revolta restauradora de 6 de setembro de 1893.

Os reaccionarios de todas as cores que continuem a diffamar a Republica e a ouvir missas pelos revoltosos; nós, republicanos, redobremos de amor por ella e estejamos sempre promptos a defendel-a dos botes traiçoeiros dos que por despeito

a accusam e a tentam subverter deslealmente — *Americo Brazilio Silvado*, capitão tenente — 80, rua da Luz — 3 de Dante de 107 (18 de julho de 1895).»

SETIMA CARTA

«Como contestação á inveridica narração do Sr. capitão de fragata Alexandrino de Alencar bastava a parte que dei do combate de 16 de abril e que vos dignastes publicar n'*O Paiz* de 27 do mesmo mez, no anno passado; julgo, porém, necessario, para bem esclarecer o assumpto, accrescentar que já dia claro conjunctamente com o cruzador *Andrada*, navio-chefe, descemos até a posição, dominada pelos fogos do *Aquidaban*, onde achava-se a torpedeira *Pedro Ivo*, para saber se esta necessitava de alguma coisa, e posso afiançar-vos que o couraçado revoltoso estava nessa occasião no mesmo ponto dos dias anteriores.

Por mais este obsequio, a bem dos creditos da marinha republicana, vos agradece — *Rodolpho Lopes da Cruz*, capitão-tenente.»

«Commando do vapor de guerra *Itaipú*, enseada de Tijucas 16 de abril de 1894 — Ao Sr. capitão de fragata commandante da 3ª divisão da esquadra — Communico-vos que, em execução ás ordens do Sr. commandante-chefe da esquadra, deixei, hontem, ás 11 horas da noite, este porto; seguindo ávante, fui me collocar na testa da columna e assim marchei até o porto, vindo então collocar-me na posição anteriormente determinada entre as pontas Matta-Matta e D. Maria Maga-

lhães, mais proximo desta ultima, aguardando que o navio almirante rompesse o fogo sobre os pontos fortificados.

Logo que isto se deu, este navio rompeu fogo sobre o forte de Anhatomirim, tendo nesta occasião me aproximado um pouco mais, para divulgando melhor esta praça em poder dos inimigos da Republica, poder assim causar-lhes os maiores damnos.

E é com satisfação que vos scientifico que a maioria dos tiros expedidos por este navio, apezar da noite, foi aproveitada, visto como se observaram as explosões das granadas sobre o forte inimigo.

Cumpre-me mais informar-vos que, tendo ordem de proteger a retirada das torpedeiras depois do ataque e prestar-lhes auxilios no caso dellas regressarem com avarias, me aproximei do forte tanto quanto era possivel, attendendo á fragilidade deste navio, e só nesta occasião fui alvejado pelos fortes inimigos e pelo couraçado rebelde, não conseguindo, porém, nenhum dos tiros attingir este navio. Mantive-me nesta posição até quasi ao clarear do dia e felizmente não tive occasião de prestar auxilios ás torpedeiras, o que para mim seria doloroso, pois importava no enfraquecimento da força que defende o actual governo, representante fiel da aspiração nacional.

Outrosim, deixo de mencionar nomes dos que se distinguiram na acção, porque teria de citar o de toda a guarnição; esta como sempre, portou-se com o valor e dedicação á causa da Republica, já bem conhecidos em diversas commissões por este navio desempenhadas.

Podeis ter a certeza que n'este navio, desde o ultimo marinheiro até áquelle que o governo da Nação designou para commandal-o, todos se acham possuidos de enthusiasmo pela causa que defendem, pois estão convencidos que esta representa o direito, a justiça e sobretudo a manutenção das instituições republicanas.

Finalmente por ordem do Sr. commandante-chefe, regressei a este porto, dando fundo em doze metros e com trinta braças de filame — Saúde e fraternidade — *Rodolpho Lopes da Cruz*, 1° tenente, commandante.

OITAVA CARTA

« Sr. redactor — Tendo vossa folha abrigado em suas columnas alguns artigos sobre o importante combate de Anhatomirim, a 16 de abril de 1894, entre os quaes havia um de minha lavra, parece á primeira vista que a questão do ataque ao *Aquidaban* está por demais esclarecida para que seja necessario ainda sobre elle insistir. No entanto assim não é, porque o publico não teve conhecimento do modo de ver do distincto capitão-tenente Altino Correia, o bravo commandante da *Gustavo Sampaio*, por não achar-se elle aqui na capital quando tratou-se dessa questão.

Servindo no longinquo Estado do Pará, apenas agora elle manifesta-se sobre o assumpto em carta que me dirigiu, na qual trata longamente do importante combate.

Julgando prestar um serviço social, forneço-vos cópia dos topicos dessa carta a que alludo e que terão a publicidade indispensavel, se vos dignardes dar-lhes hospedagem, como déstes a escriptos congeneres. E' inutil chamar vossa attenção para a importancia das declarações do bravo official que commandou o navio chefe da divisão de torpedeiras; por isso limito-me a fazer-vos com esta, entrega da cópia dos trechos que carecem de publicidade, que certo lhes dareis, o que vos agradeço de antemão. Saude e fraternidade—Rio de Janeiro 25 de Gutenberg de 107 (6 de setembro de 1895)—*Jayme Silvado*, rua Aurea n. 24.

P. S. — A ideia da publicação desses topicos é exclusivamente minha sem que a menor suggestão me tenha sido fornecida por quem quer que seja. O meu amigo e confrade positivista Altino Correia não levará a mal, estou certo, a resolução que tomei — *J. S.*

. . . .

Propositalmente tenho evitado publicar qualquer coisa sobre o combate de 16 de abril, deixando livre curso a todas as innumeras versões forjadas sobre esse acontecimento, visto que minha parte official teve completa publicidade e eu não queria de modo algum dar logar á suspeita de querer vangloriar me do papel que me coube nesse dia memoravel em que baqueou o ultimo reducto e principal baluarte de que estavam de posse revoltosos de setembro.

. . . .

Com a intenção manifesta de deprimir os meus companheiros de jornada, especialmente o legendario almirante Jeronymo Gonçalves o Sr. Alexandrino de Alencar dispensou-me elogios, de cuja sinceridade sou obrigado a duvidar, á vista do sentimento que os dictou e por cujo preço eu não os aceitaria em caso algum, mesmo quando sinceros elles fossem e eu os julgasse merecer.

O Sr. Alexandrino de Alencar diz que os navios republicanos ficaram collocados a dez milhas de distancia para bombardear os portos, de sorte que apenas de tal bombardeio tinham noticias polos canhões, cujos estampidos não lhes chegaram aos ouvidos; entretanto para mostrar o seu exaggero basta lembrar que a tal distancia dois navios mal podem avistar se no mar, principalmente á noite.

O facto de não serem ouvidos os estampidos poderia ser facilmente explicado por estar a esquadra atacando a sota-vento, se realmente fosse verdadeira tal affirmação de que sou

levado a duvidar, por me terem dito no Desterro que da Praia de Fora ouviram tiros durante quasi toda a noite.

Naturalmente desejaria o Sr. Alexandrino que os navios republicanos se fossem collocar mais perto do *Aquidaban* do que este se collocava nos bombardeios das fortalezas do Rio de Janeiro, porque então ser-lhe-hia facilimo, dispondo de sua artilheria poderosa, inutilisal-os, bastando para isto attingil-os nas suas machinas ou caldeiras, collocadas acima da linha d'agua por serem todos, com excepção apenas do *Tiradentes*, navios construidos para o commercio e não para os misteres da guerra.

O almirante Gonçalves, bem compenetrado da grandeza de sua missão e da sua responsabilidade, não devia expor os seus navios mais do que seria necessario, simplesmente para mostrar-se arrojado e temerario. Elle não poderia pensar em travar duello com as fortalezas de Santa Catharina e com o *Aquidaban*, porque sabia perfeitamente que quaesquer vantagens que pudesse tirar não compensariam os sacrificios

Com effeito, dispondo de artilheria de pequeno calibre e de poucas munições, seria não só erro crasso, mas mesmo um crime expor os seus navios desprotegidos á artilheria dos fortes e do *Aquidaban*, os quaes, emquanto poderiam fazer-lhes muito mal, pouco ou nada teriam a temer de um tal ataque, como ficara claramente provado nos bombardeios improficuos do Rio de Janeiro, em que os revoltosos consumiram suas energias e os seus recursos durante seis mezes sem resultado pratico algum, desmoralisando-se dia a dia até coroarem a sua obra com o triste abandono de 13 de março.

Tendo saido do Rio com destino ao Rio Grande, onde se sabia estar tentando um ataque a esquadra revoltosa, o almirante Gonçalves apenas tocou em Porto Bello para refrescar as torpedeiras, dar-lhes carvão e o mais de que pudessem precisar depois de tres dias de viagem, pois qualquer official da marinha moderna não ignora quanto são delicadas e sujeitas

á avarias essas armas de guerra, preoccupação constante de um almirante na altura de suas funcções, que tem de dispensar-lhes os cuidados os mais assiduos se quizer conduzil-as ao inimigo em condições efficientes.

Chegados a esse porto, emquanto as torpedeiras atracaram aos navios cujos porões estavam abarrotados de carvão, o almirante Gonçalves mandou o *Itaipú* fazer um reconhecimento no porto de Santa Catharina e só depois que este voltou soube-se que o *Aquidaban* ali se achava, não tendo seguido para o Rio Grande, como suppunha-se, naturalmente para ficar guardando o porto. A' vista desta circumstancia, o denodado commandante em chefe viu que seria um erro seguir para o Rio Grande, deixando a sua retaguarda ameaçada, e resolveu bater o couraçado, o que certamente ninguem, que tenha apenas o simples bom senso o mais vulgar, será capaz de censurar.

A' vista dos elementos de que dispunha, a esquadra republicana só podia contar com o canhão de dynamite do *Nitheroy* e com as torpedeiras para vencer o couraçado, sendo os demais navios apenas meros auxiliares e quasi simples espectadores nessa lucta, para a qual não dispunham de elemento algum de victoria.

Tendo falhado o canhão pneumatico em virtude de uma avaria, como já explicou devidamente o Sr. capitão de fragata Baptista Franco, então commandante do *Nitheroy*, só ás torpedeiras estava confiada a missão de destruir o famoso *Leão de aço*, cujas proezas tantas victimas innocentes havia sacrificado, restando aos demais navios a tarefa de facilitar-lhes o mais possivel a acção, distrahindo a attenção dos fortes e do couraçado com os seus canhões, de modo que pudessem ellas passar as linhas e se aproximar do *monstro* sem serem presentidas, foi este o unico fim visado pelo bravo commandante em chefe com o bombardeio, que poderia até ser feito com polvora secca e produzir o mesmo resultado.

Se elle tinha ou não razão em adoptar tal plano, dil-o de sobra o exito que alcançaram as torpedeiras, conseguindo transpor sem serem vistas a linha de torpedos entre os fortes e seguindo até perto do Ratone Grande sem avistarem nem serem presentidas pelo couraçado, que só descobriram quando em sua procura já vinham de dentro do porto para fóra, o que as fez considerar no primeiro momento como um navio esperado do Desterro pelos revoltosos a essa hora.

A proposito, a linha de torpedos que o Sr. Alexandrino disse apenas constar de pequenas boias destinadas a passarem como taes, imitando a tactica dos allemães na guerra de 1870, devo dizer que por informações colhidas depois do combate nos constou que os revoltosos apenas haviam conseguido collocar quatro torpedos, nos quaes tinham muita confiança, diga como fôr, o Sr. Alexandrino labora em completo erro suppondo que os nossos partidarios e os pescadores por nós aprisionados nos haviam revelado essa circumstancia; ao contrario, estes homens serviram melhor aos revoltosos do que elles poderiam desejar se os tivessem industriado, porque elles asseveraram-nos com convicção que o canal estava minado de torpedos e só havia passagem bem encostado ás fortalezas.

Esta noticia poderia tornar-se-nos fatal se o almirante persistisse na sua primeira ideia de obrigar-nos a seguir as indicações desses pescadores que levavamos a bordo, fazendo-nos passar tão encostados que não podiam deixar de presentir-nos, além dos riscos de um encalhe, que era de receiar, porque mais poderia compromettter a reputação de um commandante, visto não faltar quem esteja sempre prompto a attribuir todo fracasso á inepcia de outrem.

Quanto aos nossos partidarios, não só não tivemos com elles communicação alguma, como ainda no dia seguinte, quando iamos tomar conta do *Aquidaban*, vinham alguns delles no *Fortuna* e fizeram-nos signal de grande perigo e

disseram-nos para não nos aproximarmo-nos da linha, que estava minada de torpedos.

Toda a esquadra republicana estava, pois, profundamente convencida da existencia de mais esse perigo a vencer, e as torpedeiras cortaram resolutamente a referida linha com a certeza de que passavam sobre um vulcão prestes a explodir e considerando este perigo mais serio do que as baterias do *Aquidaban* que teriam de arrostar.

A posição dos navios era mais ou menos a mencionada no mappa publicado no relrtorio do Sr. contra-almirante Gonçalves Duarte, ex-ministro da marinha, e ninguem dirá de boa fé que essas distancias foram excessivas e maiores do que era necessario para conseguir o resultado almejado.

A esquadra republicana não tinha a preoccupação de bater-se pelo prazer de se bater, de ostentar coragem sacrificando embora a vida de grande numero de cidadãos por uma simples questão de vaidade.

Ella estava bem compenetrada da grandeza de sua missão e da defesa da nobre causa que sustentava, pelo que esforçava-se por justificar a confiança e as esperanças da Patria Brazileira, cuja paz e tranquilidade dependiam de sua dedicação e patriotismo. Não lhe era permittido deixar de aproveitar todos os recursos para obter resultados positivos e não esterilisara sua acção contra os revoltosos, imitando-os em suas espalhafatosas tentativas sem exito. Comtudo o enthusiasmo que reinava a bordo era tal que a custo o almirante e os commandantes conseguiam dominal-o, fazendo cumprir as ordens terminantes para poupar a munição que era muito escassa a bordo de todos os navios, exceptuando apenas a *Gustavo Sampaio* e o *Tiradentes*.

Quanto aos pormenores do ataque ao *Aquidaban* nada mais tenho a accrescentar ainda hoje á parte official que no mesmo dia 16 redigi e entreguei ao almirante Gonçalves, sem ter ainda noticia do abandono desse navio, o que só no dia 17 chegou ao

nosso conhecimento. Todavia cumpre-me rebater as accusações que a esse respeito o Sr. Alexandrino fez ás outras torpedeiras, dizendo terem ellas fugido como relampagos aos primeiros disparos, deixando de secundar os meus esforços, etc., etc.

A *Gustavo Sampaio* com o pavilhão do digno contra-almirante Gaspar Rodrigues, commandante da divisão de torpedeiras, navegava na testa da columna, sempre de vagar, seguindo as outras torpedeiras nas suas aguas até que avistei e que este fez os primeiros disparos, não podendo eu d'ahi em diante acompanhar as suas manobras, preoccupado inteiramente com as do navio de meu commando, que me absorviam todos os sentidos, como é natural em momento tão critico. Porém para destruir essas accusações injustissimas, basta-nos declarar que a primeira torpedeira que emprehendeu a retirada, depois de ter lançado com a maior calma e decisão dois torpedos, dos quaes o segundo explodiu na prôa do *Aquidaban*, foi a *Gustavo Sampaio*, seguida pela *Pedro Affonso*, e por ultimo pela *Silvado*; sendo bastante conhecidas as razões que impediram a *Pedro Ivo* de tomar parte no ataque, em virtude da falta de pressão nas caldeiras, accidente muito commum em navios a vapor e especialmente em torpedeiras.

E', portanto, fóra de duvida que durante todo o tempo que estive acommettendo o *Aquidaban*, tempo este que a descripção das manobras por mim effectuadas sempre devagar, ora tocando uma machina atrás e outra adiante, ora parando, bem mostra que não foi pequeno, durante todo esse tempo, repito, as referidas torpedeiras estiveram debaixo das baterias do *Aquidaban*, das quaes uma só bala era sufficiente para inutilisal-as, correndo ambas os mesmos e talvez maiores perigos que eu, tendo em vista a natureza de suas construcções. As partes officiaes dos seus denodados e distinctos commandantes explicam claramente as difficuldades com que tiveram de luctar.

O facto de não terem ellas conseguido o mesmo exito da *Gustavo Sampaio* em nada desmerece a sua acção desde que se

confiança que me inspirava a *Gustavo Sampaio*, em virtude de sua construcção, pois as suas caldeiras e machinas estão collocadas abaixo da linha d'agua, protegidas pelas carvoeiras, vantagens que não possuiam as outras torpedeiras.

Convem lembrar que, depois de ferido pelo torpedo, o *Aquidaban* fez funccionar o seu holophote e se houvesse mais calma, aliás muito difficil em tal emergencia, facil ser-lhe-hia distinguir a torpedeira *Silvado* que uma ou duas vezes foi apanhada por esse projector, sem que infelizmente de bordo do couraçado a tivessem percebido. Nesse momento já entrava reunido á esquadra emquanto que o meu digno companheiro, teu honrado irmão, affrontava ainda e então sósinho, os maiores perigos!

Um outro engano em que caiu o Sr. Alexandrino foi ter dito que a *Gustavo Sampaio* aproximava-se rapidamente quando eu andei sempre com as machinas de vagar e assim circulei o seu navio a uma distancia de uns 150 metros, tendo parado completamente antes de lançar o torpedo de boreste e assim ficando até ver o resultado. Cumpre-me insistir em declarar que tive perfeito conhecimento desse resultado, porque quando verifiquei a pontaria pelas miras da torre e dei voz de fogo, colloquei a cabeça para fóra da mesma torre de commando e acompanhei a trajectoria phosphorecente descripta pelo torpedo, conservando-me alguns segundos nessa angustiosa espectativa, o que fez o meu digno immediato o distincto capitão-tenente Fonseca Rodrigues dizer haver elle falhado por achar grande essa demora.

Logo depois de ter ouvido isto, percebi a prôa do couraçado levantar-se e agitarem-se as aguas nesse logar, o que me fez exclamar — explodiu! confirmando-me nessa convicção o facto de cessar instantaneamente o fogo nutrido e cerrado que faziam, para recomeçar logo depois com dobrada intensidade. Só então mandei andar a toda força, emprehendendo a retirada, porque nada mais me restava a fazer senão usar da artilheria

que esteve sempre calada para não pertubar o ataque dos torpedos, bem contra a vontade dos meus artilheiros, cujo enthusiasmo a custo só era refreiado pela disciplina, em obediencia ás ordens terminantes que de antemão eu havia dado.

A' vista de ter o *Aquidaban*, depois de ferido, accendido o seu holophote, conjecturei que houvesse soffrido pouco, tanto mais quanto parecia mover-se em logar de descansar no fundo como era fatal, se o rombo produzido pela explosão do torpedo fosse sufficientemente grande e interessasse partes vitaes do navio. Mesmo neste caso, em virtude da pequena profundidade que estava, o couraçado ficaria ainda com a artilheria em condições de ser utilisada e constituiria uma formidavel bateria contra a qual não tinhamos elementos reaes de acção, pelo que, á vista da sua immobilidade, seria natural que o almirante se resolvesse a seguir para o Rio Grande afim de bater a esquadra expedicionaria que suppunha ainda lá estar.

O almirante Gonçalves não podia adivinhar que a essa hora o malogrado chefe da injustificavel e nunca assas condemnavel revolta de setembro já havia pedido protecção á bandeira argentina, e estava convencido de que ainda teria de enfrentar com o grosso da esquadra revoltosa, de posse do cruzador *Republica*, inimigo talvez mais temivel que o *Aquidaban*, em virtude de sua boa marcha e de sua artilheria moderna, tiro rapido, razão pela qual as torpedeiras pouparam os seus torpedos e os navios suas escassas munições. Se o almirante Gonçalves soubesse que não tinha mais inimigos a combater, certamente a cousa seria outra e outra seria a sua resolução.

Além disso, apezar de minhas affirmações cathegoricas sobre a explosão do torpedo, o almirante Gonçalves, encarando por prudencia tudo pelo lado peior, não teve inteira confiança no resultado do ataque, como declarou no seu relatorio, e isto concorreu para conservar-se elle á distancia, mandando dar

um dia de descanso ao pessoal extenuado por constantes vigilias e mais afanosos trabalhos de campanha.

O Sr. Alexandrino que parece suppor-nos dotados da faculdade de adevinhar, pois queria que soubessemos de tudo que se passava entre os revoltosos, attribue esse procedimento do almirante Gonçalves, cujo arrojo e temeridade enche paginas brilhantes de nossa historia naval, a uma prova de fraqueza e (por que não direi?) de cobardia!! E' realmente incrivel!!

Emquanto que na tactica empregada pelo almirante Gonçalves não descubro coisa alguma que possa merecer reparo, mesmo hoje que podemos ser mestre de obra feita, folgo em fazer notar que o Sr. Alexandrino declara estar arrependido de não ter saido para atacar a esquadra republicana. Innegavelmente teria sido muito mais acertada essa tactica de sua parte, porquanto, apezar de sua pouca marcha e de estarmos com o espirito preparado para esse ataque, é natural que uma investida resoluta produzisse alguma desordem nas nossas linhas, que se poderia aproveitar, ao mesmo tempo que, tendo elle feito durante o dia, as probabilidades contra as torpedeiras tornaram-se talvez de 99 °/₀, já vimos que ellas eram o unico elemento capaz de dar-nos ganho de causa sobre o cruzador. Neste caso todavia a esquadra republicana havia de cumprir o seu dever e ou venceria com maiores sacrificios ou saberia morrer com honra mas nunca fugir.

Para mostrar a decisão que nos animava, basta referir que os commandantes das torpedeiras insistiram com o almirante Gonçalves para autorizal-os a atacar o couraçado em pleno dia, o que seria contra todas as regras. Por ahi vê-se o espirito e o enthusiasmo com que se dedicaram por conquistar a tranquillidade da Patria e salvar a honra da marinha brazileira gravemente compromettida nessa lucta.

Um outro ponto que é necessario reduzir ás suas verdadeiras proporções é a tão decantada confusão da *Gustavo Sampaio* com o *Itapemirim*, que comquanto verdadeira, não

deve surgir pudesse ter uma escola tão proveitosa como a seguida pelo almirante Gonçalves durante essa campanha, poderiamos ficar certos de vir a possuir dentro em pouco tempo uma esquadra aguerrida e dotada de officiaes arrojados, trabalhadores e animados de enthusiasmo e amor pela ardua e necessaria profissão do marinheiro.

As marchas que effectuámos para o sul em formatura de tres columnas cerradas de dia e de noite, a confiança com que aos commandantes eram dadas commissões difficeis e sobretudo o exemplo que dava o almirante sempre attento aos movimentos dos navios, tal é a melhor escola para formar officiaes e commandantes capazes de dirigir navios modernos.

Sirva ao menos esta minha sincera homenagem a esse vulto saliente da nossa historia como um solemne protesto contra as injustas e indignas accusações que o despeito e a inveja têm levantado contra elle.

. . . .

Pará, 2 de Gutenberg 107 (14 de agosto de 1895)—*Altino Correia.*»

NOTA. O limitado da gravura em face, dando as posições, mais ou menos, dos navios no combate não nos permittio dar a posição do vapor de guerra S. *Salvador* que se achava metralhando o porto de signaleiros na ponta do Rapa.